



SEITAS E HERESIAS



SEMEADOR

Niterói, 2006

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. Cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Capítulo 1	
Algumas seitas orientais	7
Zen-Budismo, Rajneeshismo, Hare Krishna, Meditação Transcendental e Seicho-no-iê	
Capítulo 2	
Homens e mulheres que “ criaram” sua própria seita	25
Fraternidade Rosacruz, Igreja da Unificação, Cientologia e Racionalismo Cristão	
Capítulo 3	
“O Profeta” e os “ Russelistas”	37
Mormonismo e Testemunha de Jeová	
Capítulo 4	
A seita e a religião de maior expansão atualmente	53
Espiritismo e os Islamismo	
Bibliografia	76
Resposta dos Exercícios	77
Programa Curricular	78

Seitas e Heresias



CAPÍTULO 1



Algumas Seitas Orientais

Introdução, Zen-Budismo, Rajneeshismo, Hare-Krishna, Medi- tação Transcendental e Seicho-no-iê

No livro *These Also Believe* (Eles também crêem), o Dr. Charles Braden e John G. Schaffer, com relação ao termo “seita”, dizem o seguinte: “Ao empregar o termo “seita”, não é minha intenção depreciar nenhum grupo ao qual ele se aplique. Seita, no meu entender, é qualquer grupo religioso que, em doutrina ou prática, difira, de forma significativa, dos grupos religiosos considerados a expressão normativa da religião em nossa cultura. Gostaria de acrescentar que a palavra pode ser aplicada também a um grupo de indivíduos reunidos em torno de uma interpretação errônea da Bíblia, feita por uma ou mais pessoas”.

Heresia deriva da palavra grega *háiresis* e significa: escolha, seleção, preferência. No sentido bíblico, heresia abarca a idéia de facção, isto é, o indivíduo ou grupo religioso que se afasta da doutrina bíblica e adota e divulga crenças, ensinamentos e práticas estranhas, em matéria de religião. Em resumo, heresia é todo desvio da verdade divina, a verdade bíblica.

Os teólogos liberais se preocupam mais com o modo de atuar das seitas do que com a razão de ser das suas doutrinas, e parece que adotaram como norma de conduta a afirmação de Gamaliel. Lembremos, porém, que Gamaliel estava aconselhando os judeus a não se oporem aos cristãos dizendo que “se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los” (At. 5:38,39). Entretanto, não devemos esquecer também que o conselho de Gamaliel não constitui doutrina bíblica, e se fôssemos aceitá-lo na forma como é expresso, teríamos de crer que o Islamismo é “de Deus”, pois experimentou um crescimento rápido e propagou-se vigorosamente por todo o mundo. Por isso devemos examinar as seitas e as heresias sob à luz da revelação divina que possuímos, a Palavra de Deus, a qual pode pesá-las “na balança de precisão da verdade absoluta”.

A Perspectiva Bíblica

A era que presenciou o advento de Jesus Cristo foi uma época rica de religiões, que iam desde o Animismo crasso e dos rituais sexuais adotados em grande parte do mundo até os panteões romanos com seus deuses e as misteriosas crenças dos gregos. O Judaísmo cessara com suas atividades missionárias, já que os judeus se achavam debaixo do tacão de ferro do paganismo romano que lhes era adverso. Seus escribas e rabinos haviam interpretado e reinterpretado tanto a lei de Deus e acrescentando a ela tantas emendas que Jesus chega a dizer o seguinte, aos líderes religiosos de seus dias: *“Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição?... E assim invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição”* (Mt. 15:3,6). *E foi no meio desse torvelinho de filosofias humanas deterioradas e de revelação divina deturpada que apareceu o Filho de Deus.*

Juntamente com o evangelho da graça de Deus, Jesus anunciou e profetizou que seus seguidores iriam enfrentar provações e tribulações, tanto dentro como fora da igreja e que uma das maiores dificuldades que teriam seria a presença de falsos cristos e falsos profetas, que viriam em seu nome e enganariam a muitos (Mt. 24:5). Ele disse ainda que os frutos dos falsos profetas seriam visíveis e que a igreja iria identificá-los prontamente.

A Bíblia fala de falsos cristos, falsos profetas e falsos apóstolos, bem como de “obreiros” fraudulentos transformando-se em apóstolos de Cristo. A perspectiva bíblica com relação a esses falsos profetas e seus falsos ensinamentos é a de que devemos ter compaixão e amor por aqueles que foram envolvidos nos ensinamentos deles, mas também precisamos nos opor vigorosamente às doutrinas, com o supremo objetivo de ganhar a alma do indivíduo, e não de discutir com ele.

O propósito deste livro é fornecer dados sobre as seitas e heresias expandidas em nosso meio, bem como recursos aos crentes para que saibam responder corretamente quando abordados por eles, e ao mesmo tempo, apresentar-lhes as bases do evangelho de Cristo com uma forte preocupação pela salvação deles. Outra meta é levá-los a enxergar a maravilhosa herança que temos na fé cristã e se sintam inspirados a viver para o Salvador e a testemunhar dele de modo eficaz. As seitas têm lucrado muito com o fato de a igreja cristã não compreender bem os ensinamentos delas e não criar uma metodologia prática para evangelizar seus adeptos, refutando seus argumentos. É verdade que a estrutura doutrinárias delas contém inúmeras verdades, todas elas, diga-se de passagem, retiradas de fontes bíblicas. Mas acham-se tão mescladas de erros humanos que acabam sendo mais mortíferas que uma mentira frontal.

As interpretações

A era em que vivemos, com sua mentalidade científica, criou, no sentido exato

do termo, um vocabulário novo, que se não for compreendido, pode trazer sérios problemas para a comunicação humana. A revolução cultural que modificou o vocabulário da tecnologia, psicologia, medicina e política afetou também as religiões do mundo, de modo geral, e a teologia cristã em particular. Hoje o teólogo moderno tem algumas vezes, empregado a terminologia da Bíblia e da tecnologia histórica com um sentido totalmente diverso do que pretendia a dos escritores sacros.

A questão semântica (estudo da significação das palavras de uma língua) sempre teve um papel preponderante nos negócios humanos, pois através do seu uso ou abuso – seja qual for o caso – muitas igrejas, tronos e até governos têm se levantado, permanecido no poder, e depois sido destituídos.

Uma típica seita não-cristã deve sua existência ao fato de sempre utilizar a terminologia do Cristianismo, citar passagens bíblicas (quase sempre fora do contexto), e colocar em sua estrutura doutrinária inúmeros “clichês” e termos evangélicos, sempre que eles favorecem seus interesses. Até o presente, eles têm obtido muito sucesso nessa tentativa de apresentar seu sistema como sendo cristão. Um exemplo concreto dessa reinterpretação é o caso de quase todas as seitas gnósticas que dão ênfase à cura, terem em comum um conceito panteístico de Deus (como por exemplo: Ciência Cristã, Seicho-No-Iê, Rosacrucianismo, Escola da Unidade, Novo Pensamento e outras).

Outro aspecto dessa manipulação semântica que deixa confuso o crente é o volume de citações bíblicas que um membro de uma seita faz e o fato de dar a impressão de que concorda com quase todos os argumentos cristãos. É muito simples para o adepto da seita espiritualizar e modificar o sentido dos textos e ensinamentos bíblicos, de forma a estar em harmonia com a fé cristã histórica. Essa harmonia, porém, é bastante superficial, e baseia-se numa ambivalência das palavras, que não passa pelo crivo da gramática e do contexto bíblico e nem de uma exegese correta.

As principais seitas modificam, sem o menor constrangimento, o sentido de termos estabelecidos ao longo da História. E depois respondem às interpretações dos teólogos cristãos com esta argumentação sem sentido: “Você interpreta do seu jeito, eu interpreto do meu. Precisamos ter mente aberta. Afinal, qualquer interpretação é boa”. Espiritualizar os textos e doutrinas bíblicas ou tentar explicá-los com frases obscuras é praticar desonestidade intelectual. Não é incomum encontrar esta prática nas principais seitas. Mas, seus adeptos ainda irão descobrir que o poder do Cristianismo não se encontra em sua terminologia, mas no relacionamento do indivíduo com o Cristo da revelação. Despir a terminologia cristã de seu significado histórico só serve para criar confusão e nunca diminuirá a força do evangelho, que é a pessoa do Salvador a executar sua função vital: redimir o pecador pela graça divina.

O ZEN-BUDISMO

Uma das mais antigas seitas é uma ramificação do Budismo, uma das principais religiões do mundo, que conta com milhões de seguidores. Conhecida na América como Zen, esta seita originou-se de um ramo japonês da escola de meditação da filosofia budista, levada da China para o Japão no século VII da nossa era. Os dois grandes pioneiros do Zen-Budismo no Japão foram Eisai, que fundou a seita Rinzai em 1191 a.D., e Dogen, que fundou a seita Soto em 1227 a.D. Os leais seguidores do Zen-Budismo atribuem sua origem a Buda que, segundo eles, comunicou a seus discípulos, o *Mahakasyapa* (ou simplesmente Kasyapa), a chamada “doutrina da mente de Buda”. Diz a lenda que Buda apenas colheu uma flor em silêncio, e desse modo comunicou o fragmento místico de sua mente. Daí provém a importância da “mente de Buda” nessa seita.

O Budismo

Gautama Buda, o fundador do Budismo, era filho de Sudodana, um governante de uma região próxima ao Himalaia, no que hoje é o Nepal. Ainda bem jovem, Sidharta Gautama (seu verdadeiro nome) começou a perceber as diversas contradições e problemas da vida. Não podendo mais suportar uma vida de nobre aristocrata, abandonou a mulher e o filho e tornou-se um asceta errante à procura da verdade sobre a existência humana. Dizem os historiadores budistas que, após quase sete anos de peregrinações, ele encontrou “o verdadeiro caminho” e experimentou a “grande iluminação” debaixo da lendária árvore *bodhi* (árvore da sabedoria) e desse modo atingiu o *nirvana*, o supremo estado que, segundo o Zen-Budismo, pode ser alcançado por qualquer membro da escola de meditação. Nesse ponto eles divergem do budismo clássico que ensina que para se alcançar o nirvana são necessários diversos ciclos de reencarnações. Segundo o zen é possível chegar-se a ele agora, ainda nesta vida.

Os ensinamentos de Buda focalizam as “Quatro Nobres Verdades” e suas ramificações: o sofrimento, sua causa, seu fim e o caminho que leva a esse fim. O ramo Zen do Budismo dá uma forte ênfase à vida presente e à meditação prática. O Zen é revolucionário, pois afirma que o homem obtém a iluminação através do esclarecimento e simplificação, ponto em prática os velhos valores do tempo e da experiência, e estribando-se apenas na suprema experiência, o “agora”.

Os adeptos do Zen podem formular conjuntos de doutrinas, fazendo-o, porém por sua conta e para benefício próprio e não devido ao Zen. Não há no Zen livros sagrados ou assertivas dogmáticas, nem qualquer fórmula simbólica através da qual se obtenha um

acesso à sua significação. O Zen não cultua nenhuma Deus; não observa nenhum rito cerimonial, nem tem um lugar para onde os mortos irão no futuro, e, acima de tudo, não vê a alma como algo cujo bem-estar deva ser obtido através de outrem, e cuja imortalidade é uma questão importante. Não afirmam nem negam a existência de Deus. Somente não existe o Deus concebido pelas mentes judaicas e cristãs.

No Zen não existem milagres, nem intervenções, recursos ou refúgios sobrenaturais. O homem é inteiramente responsável por seus atos e nenhum sábio, seja ele quem for, tem o direito de invadir seu livre arbítrio. A pessoa é responsável tanto por sua liberdade quanto por sua escravidão. Também não há nada para adquirir, ensinam os mestres Zen. Não há nada que se possa receber de fora para dentro, nem nada que se possa edificar ou “criar” no sentido mais comum da palavra. Pelo contrário, tem-se que “desfazer” o complexo amontoado de falsos valores que se cultiva. Tudo é o presente. Não há nada faltando no homem, nem nas profundezas do espírito, nem nas estruturas materiais do corpo. Apenas é necessário estabelecer uma coordenação, uma harmonia funcional entre os diversos elementos que constituem o ser. Concluindo, o Zen é uma filosofia que nega a existência de um Deus pessoal. Nega também a realidade do pecado, por falta de um padrão absoluto de lei e santidade. E rejeita ainda a idéia de que o homem precisa livrar-se do castigo do pecado, livramento esse revelado na Pessoa de Jesus Cristo, que é o Caminho. Na realidade, a verdadeira natureza do Zen-Budismo é a auto-absorção, já que o indivíduo vive todo voltado para si mesmo e não vê seus pecados nem a necessidade de removê-los. Além disso, vivem alheios à responsabilidade social, nada tendo para justificar sua existência na terra.

Algumas falhas e imperfeições do Zen-Budismo

1. Descarta a doutrina de um Deus Criador. Em primeiro lugar, o Zen é uma sutil e peculiar forma de ateísmo (negação da existência de Deus). Nega a existência de um Deus infinito e transcendente, um Deus vivo e pessoal, pois identifica-o com a natureza. Então, todos os objetos visíveis são considerados modificações subjetivas de uma essência auto-existente, inconsciente e impessoal, que pode ser chamada de Deus. O Zen-Budismo retira de Deus sua soberania, despindo-O de sua capacidade de auto-determinação em relação ao mundo. Deus fica reduzido às dimensões do desconhecido. Como eles não afirmam a existência de Deus, acham-se destituídos não apenas da revelação especial que Ele deu em sua Palavra, mas desconhecem também o Deus que se revelou.

2. Cria um espírito de misticismo. Em segundo lugar, ele possui (embora negue) uma forte tendência para criar um espírito de misticismo ao refugiar-se nas suas doutrinas da intuição radical, tais como: “Não há necessidade de palavras e letras”; “a transmissão especial da Mente”; etc. Muitas vezes, após um êxtase espiritual eles afir-

mam ter recebido extraordinárias revelações e, no entanto, não conseguem explicar nenhuma delas. Ademais, o misticismo dissociado da revelação divina é perigoso e leva o homem à destruição.

3. Ignora a santidade de Deus. Em terceiro lugar, o Zen-Budismo é uma forma muito radical de iconoclastia (é contra imagens religiosas, símbolos, obras de arte etc; é contra convenções e tradições). Na concepção dos adeptos dessa seita não existe pecado contra Deus. Afirmam abertamente que “nem mesmo os mais imaculados iogues entram no nirvana, e os monges que violam preceitos não vão para o inferno; a tentativa de evitar o pecado e o mal obedecendo a uma lei moral não passa de um ato vão...”

4. Nega a existência de um Salvador. Em quarto lugar, o Zen é a mais completa forma de auto-salvação. Como observa Herman Bavinck, “o princípio básico do paganismo é negar a existência do Deus verdadeiro e o dom da sua graça; ao mesmo tempo é a noção de que o homem pode obter a salvação através de seu próprio esforço e sabedoria”. No Zen não existem intervenções, recursos, refúgios sobrenaturais. Todos são inteiramente responsáveis por seus atos e nenhum sábio, seja ele quem for, tem o direito de invadir o livre arbítrio. Embora eles insistam em dizer que isso não é prova de orgulho pessoal, esse ensinamento logicamente leva ao endeusamento do eu, o que é uma característica blasfema e uma falácia idólatra do paganismo.

Os piores erros do Zen-Budismo

1. Estudar a própria natureza. Alguns filósofos descrevem o homem como um microcosmo, um espécime raro de poder, sabedoria e virtude divinos, que contém em si mesmo maravilhas tais que deixam nossa mente intrigada. Isso não está totalmente errado. O apóstolo Paulo, depois de dizer ao atenienses que eles podiam buscar “a Deus se, porventura, Tateando o possam achar”, logo revela: “Ele não está longe de cada um de nós”. Todo homem possui em si mesmo uma evidência clara da graça celestial, pela qual “vivemos e nos movemos, e existimos...! Como só existe vida em Cristo, que o mundo perdeu logo no início, o homem precisa voltar a essa vida fundamental e tornar-se de novo filhos de Deus, crendo em Seu nome. Portanto, será necessário aniquilar a antiga natureza, e não “estudar a própria natureza”, e formar de novo em cada um a imagem de Deus que foi corrompida quando Adão pecou.

2. A experiência da iluminação. Paulo ensina claramente em I Coríntios 2.5: “*Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana. E sim, no poder de Deus*”. O Zen afirma que sem a iluminação (*satori*), o “Zen é um livro selado”. Mas o problema é que sem uma revelação especial o “*satori*” também não pode con-

cretizar-se. E ao dizer isso não estamos deixando levar por preconceitos contra a seita. Até o psicólogo Carl G. Jung, que era simpatizante dela, partilha dessa opinião. Disse ele: “Se ele não houver um critério a respeito da iluminação, nunca poderemos saber com certeza se um indivíduo é de fato um iluminado ou se ele simplesmente imagina que o é...”. Na China, os mestres Zen, muitas vezes são denominados “*mo-wang*” (*rei dos demônios*). O fato é que embora afirmem haver atingido o estágio de iluminados ou terem conseguido entender a própria natureza, e embora preguem e escrevam com atraente eloquência não percebem que se acham encerrados na sombra da morte e que ainda continuam na triste condição de perdidos.

3. Sobre o caminho da salvação. Será que o Zen pode ensinar o caminho da salvação? A experiência do *satori* exige muita incubação inconsciente. Dizem eles que ela pode sobrevir em consequência de uma ocorrência meramente casual, um som, uma cena que se presencia. Muitas vezes é acompanhada de fenômenos emocionais intensos, como tremor, uma crise de choro ou suores frios.

Concluindo, pelo que acabamos de ver, fica evidente que o Zen-Budismo atrai adeptos através de seus argumentos ilusórios, mas não oferece a verdade ao homem. É antes a mentira dos “guias cegos”, e não o verdadeiro Caminho. A luz que oferece é muito débil; ele não dá a verdadeira luz nem a vida, “a vida (que) era a luz dos homens”. Toda a criação geme e sente dores de parto; procura e tateia nas trevas. E no entanto, os homens não entenderam a luz que veio ao mundo e brilhou nas trevas. Eles amaram mais as trevas do que a luz, e por isso, tornaram-se presa fácil dos falsos profetas.

O Zen é condenável não apenas porque seus ensinamentos são imperfeitos, mas também porque não realiza nada. É imperfeito porque nega a existência de um Deus vivo, pessoal, infinito e transcendente, já que o identifica com a natureza. Na verdade é uma forma sutil de ateísmo, camuflada com a linguagem do ateísmo e embelezada por sua atraente eloquência. Além disso, cria um espírito de misticismo quando defende sua doutrina da intuição radical, que dá ênfase à idéia de estudar a própria natureza. Quem procura “dentro de si mesmo” uma orientação segura, não levando em conta a revelação divina, poderá ser enredado na mentira de Satanás. Depois nega também a necessidade de existir um padrão absoluto de moralidade. Isso inevitavelmente conduz a humanidade para um relativismo anárquico total. Ademais rejeita a graça de Deus e a necessidade de o homem ter um Salvador, ao exaltar e divinizar o ser humano. Tal atitude certamente levará a humanidade à perdição, pois “o mundo jaz no maligno”. E não há dúvida de que o Zen-Budismo é um “caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminho de morte” (Pv. 14:12).

Em suma, além de não ter base bíblica, nem teológica, o Zen-Budismo é psicológica e socialmente pernicioso. Trata-se na realidade de um bom meio de se provocar um colapso nervoso. Hoje em dia, muitos ocidentais, cansados de sua religião e de sua filosofia, estão se interessando por ele e se tornando presa de seus ensinamentos lógicos. Se essa tendência não for revertida, as conseqüências serão desastrosas para a nossa cultura.

A tônica do Zen-Budismo

O Zen-Budismo é uma das seitas mais filosóficas e marcadamente orientais. Ele se adapta à mente ocidental, pois elimina decisivamente o sobrenatural, entretanto ensina o *satori* (iluminação), que é “a descoberta de nossa original união indissolúvel como universo”. A meta suprema da seita é a “libertação da vontade”, na qual, “tudo borbulha conjuntamente numa contínua inter-relação”. Quem quiser ser discípulo da seita tem que permitir que seu ego se desligue de tudo, até que afinal, “o seu verdadeiro ser passe a flutuar calmamente acima do mundo caótico” à semelhança de uma bolinha de pingue-pongue ricocheteando sobre as turbulentas corredeiras da vida. Porém, o fato é que a negação de realidades tais como a privação, a fome, doença, morte e a constante ameaça de uma guerra nuclear, chega a ser um crime. Em nossa opinião, o Zen-Budismo é o sistema filosófico mais egoísta, mais egocêntrico que a alma humana decaída pode abraçar. Ele nega os dois princípios básicos sobre os quais se apóia a realidade espiritual: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento... Amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (Mt 22.37,39.).

Para o adepto do Zen, o amor a si mesmo vem sempre em primeiro e último lugar. Essa é a tônica da seita, libertar o indivíduo de sua responsabilidade espiritual e substituir a conversão por uma iluminação intelectual, e a paz com Deus por desinteresse para com o próximo. Historicamente o Budismo não produziu nada, a não ser as indescritíveis condições em que vivem seus adeptos. Em quase todas as religiões do mundo onde ele predomina, em qualquer uma de suas formas, prevalecem as doenças, fome e corrupção moral e espiritual. Os povos orientais são escravos de suas religiões. E uma das piores é o Budismo, com seu egocentrismo, seu conceito de vida e responsabilidade social inerentemente egoísta. Aqueles que consideram o Zen como uma forma superior de filosofia religiosa precisam examinar bem sua história e os frutos que ele produz, pois “pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.20).

RAHNEESHIMO, HARE KRISHNA E MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL

Nos últimos quinze anos, presenciamos um fantástico desenvolvimento de seitas religiosas da new age (nova era), ligadas ao ocultismo, cujas raízes estão plantadas no pensamento clássico hinduísta. Existem hoje virtualmente centenas de seitas, pequenas ou grandes, que adotam idéias e práticas orientais. No breve sumário que apresentaremos em seguida, vamos examinar as raízes hinduístas dessas seitas e analisar de forma sucinta três das mais conhecidas dessas crenças importadas: o Rahneeshimo, a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON ou Hare Krishna) e a Meditação Transcendental. Daremos então a seguir um breve histórico do Hinduísmo e um estudo introdutório dessas três seitas, com um resumo doutrinário delas.

O Hinduísmo

O Hinduísmo hoje não é mais o mesmo de cinco mil anos atrás. Em todos esses séculos de história religiosa da Índia, essa religião se modificou muito. Ela procura ser uma síntese das diversas idéias e correntes religiosas em circulação no país, representadas por centenas de grupos culturais, sociais e tribais distintos. O termo *hindu* não é originário da Índia. É o nome persa dado ao rio Indo.

Os escritos sagrados do Hinduísmo foram compilados durante centenas de anos, iniciando-se com a transcrição da tradição oral, por volta da segunda metade do segundo milênio antes de Cristo. Esses escritos são conhecidos como *Vedas* (“sabedoria” ou “conhecimento”). A parte final dos *Vedas* constitui os *Upanixades*, uma síntese dos ensinamentos védicos. Entre as teses apresentadas pelos *Upanixades* estão o panteísmo, a punição pelo karma e a reencarnação.

As centenas de seitas hindus podem ser divididas em três grupos básicos. Primeiro, há os monistas abstratos que acentuam a unidade filosófica do universo, em vez de idéias teístas e religiosas. Em segundo lugar, temos os vishnuítas, que adoram de maneiras as mais variadas o deus Vishnu (em suas diversas manifestações), considerando-o a suprema forma de divindade. O terceiro grupo é o dos shivaítas, que adoram o deus Shiva, considerado por eles como a mais elevada manifestação divina.

A meditação Transcendental, com sua ênfase na concentração filosófica, situa-se no grupo monista. Os Hare Krishnas crêem que o Deus supremo é Krishna, também conhecido como Vishnu. Portanto identificam-se com o grupo vishnuíta. Os seguidores de Rajneesh diferem dos dois pelo fato de serem filosoficamente agnósticos, mas na prática são hinduístas. Eles não têm o menor acanhamento em modificar o hinduísmo para adaptá-lo às suas interpretações pessoais, principalmente na área da moralidade.

Crenças Hindus

1. Sobre Deus. O Hinduísmo não comporta apenas uma idéia acerca de Deus. Seus conceitos de divindade podem abranger: monismo (tudo que existe é feito de uma

só substância); panteísmo (Deus está na criação como a alma está no corpo); animismo (Deus ou deuses vivem em objetos, como pedras, árvores, animais etc); politeísmo (existem muitos deuses); henoteísmo (existem muitos deuses, mas adoramos apenas um) e monoteísmo (existe apenas um Deus).

2. Karma e Samsara. Uma idéia fundamental na crença hinduísta é a de que todas as almas são eternas e responsáveis pelos atos que praticam. O Karma é o débito que pesa sobre nós devido aos pecados que cometemos e que precisam ser expiados (por meio dos vários sistemas hindus), para que o indivíduo possa libertar-se do samsara ou reencarnação (a alma habita sucessivamente diversos corpos humanos) ou transmigração (a alma habita sucessivos corpos: humanos, de animais ou mesmo plantas e objetos inanimados).

3. Salvação. Os três principais caminhos para a “salvação” no Hinduísmo são: *karma marga* (método), o caminho da ação altruística; *bhakti marga*, o caminho da devoção; e *jnana marga*, o caminho do conhecimento ou da revelação mística. Pela *jnana marga*, o indivíduo alcança a auto-realização através de uma consciência intuitiva e iluminação mística. Na *bhakti marga*, atinge-se a auto-realização através de sacrifícios e disciplina ritualística.

Rajneeshismo (Bhagwan Shree Rajneesh)

Rajneesh Chandra Mohan nasceu a 11 de dezembro de 1931 numa vila do interior da Índia, sendo o mais velho de sete filhos e cinco filhas. Uma nuvem que obscureceu sua infância foi o fato de que seu pai, um comerciante malsucedido estava sempre ausente de casa, em viagem. Então, para Rajneesh, a “figura paterna” foi preenchida por seu avô, de quem ele gostava imensamente. Mas o avô faleceu quando ele tinha apenas sete anos, o que foi uma experiência fortemente traumática para ele. A partir de então ele se sentiu estranhamente atraído pela idéia da morte. Em seu diário de 1979 (que foi levado a público) há a informação de que ele acompanhava enterros como outras crianças correm atrás de um circo. Rajneesh prosseguiu os estudos e em 1957 concluiu o seu mestrado em filosofia. Entre 1957 e 1966, lecionou filosofia em duas universidades. Em 1966 pediu demissão de seu cargo de professor, como explica ele, para dedicar-se a realizar a vontade de Deus. Sentia-se chamado a trabalhar pela regeneração espiritual da humanidade, para que ela possa sobreviver ao holocausto que segundo ele deverá ocorrer futuramente.

Nessa ocasião tornou-se ‘mestre’, adotando o título de Acharya Rajneesh. Percorreu vários estados da Índia, a pé ou montado num jumento com o objetivo de ensinar ao povo que todos deveriam mudar de vida e dar meia volta, se quisessem so-

breviver. Mas não obteve muito sucesso nessa missão. Em 1970 encontrava-se pobre e cansado, mas pelo menos descobrira que possuía carisma e poder. Instalando-se em Bombaim (Índia), resolveu formar um grupo de seguidores aos quais pudesse transmitir sua mensagem. O número de discípulos foi aumentando, chegando ao ponto de seu apartamento não ser mais suficiente para acomodá-los. Em 1974, mudou-se para Poona, que fica cerca de 190 quilômetros ao sul de Bombaim. Alugou várias casas e fundou ali o seu *ashram* (comunidade religiosa ou mosteiro). Mudou seu título de Acharya para Bhagwan (que significa “deus”), determinou que seus discípulos usassem túnicas alaranjadas e colares de conta de madeira. No início de 1978, já calvo e de barba, mas sempre fotogênico, ganhou destaque nos meios de comunicação dos Estados Unidos. O grande interesse despertado por Rajneesh originou-se, em parte, do emprego da “tantra ioga” (que entre outras coisas adota o nudismo e a liberação sexual), bem como do fato de utilizar uma grande variedade de terapias e técnicas “psico-espirituais” muito populares.

No final da década de 70 e início de 80, ele foi sendo cada vez mais aclamado pelo movimento Nova Era da América, Inglaterra, Alemanha e de quase todos os países industrializados do mundo livre.

Os ensinamentos da seita

Um breve estudo dos ensinamentos de Rajneesh logo revela claramente que o “rajneeshismo”, em todos os seus aspectos, é contrário à fé cristã. Vejamos alguns trechos de seus discursos:

- “Por que ser cristão, se você pode ser um Cristo?”.
- “Permita que eu seja a sua morte e ressurreição”.
- “Ninguém é pecador. Mesmo aquele que está vivendo o momento mais negro de sua vida ainda é divino. Ninguém pode perder essa divindade. Eu afirmo, não há necessidade de salvação; ela já está dentro de nós”.
- “...a desobediência não é pecado, é um aspecto de crescimento”.
- “Deus não é nem ele nem ela... se alguém disser que ele é mulher, direi que é homem; se disser que é homem, direi que é mulher... *seja qual for a sua crença, eu a anularei*” (*grifo nosso*).
- “Se Jesus tivesse tido um pouco de inteligência e ponderação não teria ido para Jerusalém, para morrer na cruz. Mas assim também não haveria necessidade de Ele declarar que era o Messias e Filho de Deus... Esse messias é essencialmente louco”.
- “Ele cria piamente que sua crucificação demonstraria que estava certo. É por isso que acho que ele abrigava interiormente uma tendência suicida. Se

há alguém que é responsável pela sua crucificação é ele mesmo. Foi bem merecida. E não há documentação judaica daquela época que comprove a ressurreição; só o Novo Testamento afirma isso. É uma narrativa fictícia. Ele não ressuscitou”.

- “O argumento do diabo para Eva foi de que Deus quer que sejamos ignorantes... Ele tem ciúmes. E isso não faz sentido, pois o Deus dos judeus é muito ciumento. Não quer que eles se tornem iguais a ele. Essa não é a atitude de um pai amoroso... não é pecado ter o conhecimento. Eu os aconselho a comerem da árvore do conhecimento”.

Todo aquele que leva o ensino bíblico a sério logo vê, pelas citações acima, qual é o verdadeiro espírito que inspira e impulsiona Rajneesh e sua “religião” (Mt 24:2,4,5, 23, 24; 7:15; I Tm 4:1-6). Parece bem claro que é o mesmo poder espiritual que falou no jardim do Éden por intermédio da serpente e que fala agora abertamente por meio de Rajneesh. Evidentemente ele está totalmente dominado por esse espírito.

Hare Krishnas (ISKON)

Uma das principais seitas hinduístas é o Hare Krishna, uma divisão moderna do hinduísmo vishnu, que é um desdobramento dos ensinamentos de um homem chamado Chaitanya, que viveu no século XX. Ele instituiu o culto ao deus Vishnu, opondo-se ao culto da divindade local, Shiva. Ele ensinava que Krishna era a principal divindade.

O Hare Krishna propriamente dito teve início em Nova Iorque, na década de 60, fundada pelo iogue vishnu, Sua Divina Graça Abhay Charan de Bhaktivedanta Swami Prabhupada, nascido em Calcutá, Índia, em 1896. Os seguidores da seita, chamados de Hare Krishnas, são muito conhecidos na América pela sua prática de levantar fundos pedindo esmolas pelas ruas e cantarem em público o *sankirtana*, seu cântico religioso.

As Crenças dos Hare Krishnas

1. Sobre Deus. Embora grande parte dos livros sagrados hinduístas seja panteísta (a crença de que tudo que existe é parte de Deus), há porções deles, principalmente do *Bhagavad-Gita*, que são manifestações basicamente monoteístas do Hinduísmo. Por ser uma síntese das crenças e do pensamento indiano, o Hinduísmo contém em sua vasta tradição escrita grande variedade de idéias acerca de Deus, embora elas sejam contraditórias entre si. Como o *Bhagavad-Gita*, que sugere uma forma de monoteísmo, é a mais sagrada escritura dos Hare Krishnas, podemos concluir que eles têm uma fé basicamente monoteísta, sendo Krishna, para eles, a principal

divindade. Qualquer encarnação do deus único é uma encarnação de Krishna.

2. Sobre Cristo. Para os Hare Krishnas, Jesus Cristo é Filho de Krishna, mas não se acha numa posição superior impossível de ser atingida pelo homem. Para eles, então, Jesus Cristo não é o Filho de Deus, uma pessoa singular, Deus manifesto na carne – nem é tampouco uma encarnação de Krishna.

3. Sobre a Salvação. Para os hare krishnas alcança-se a salvação removendo-se o carma, o débito que todos temos. Consegue-se isso pela devoção a Krishna e pela prática de boas obras nas diversas encarnações. “Todos os praticantes da fé que conhecem o significado de sacrifício, purificam-se da reação pecaminosa e, tendo saboreado o néctar dos restos de tal sacrifício, vão para a suprema atmosfera eterna”. Dizem também os hare krishnas: “Aqueles que dançam batendo palmas perante a divindade em demonstrações de êxtase, desses vão saindo todos os pássaros das práticas pecaminosas, que voam para o alto”.

Meditação Transcendental

É uma ioga ou prática espiritual, introduzida no Ocidente pelo seu criador, o iogue Maharishi Mahesh, que a apresentou como uma filosofia ou exercício religioso. Encontrando certo ceticismo por parte dos ocidentais, menos místicos que os orientais, Maharishi fez uma reformulação de seu programa. Na década de 70, passou a apresentá-la e a divulgá-la como um exercício psicológico, com bases científicas, cujos objetivos eram aliviar o stress, produzir paz interior – portanto com efeitos positivos para a sociedade – e capacitar o seu praticante a participar da projeção astral (experiência em que a alma sai do corpo) e da levitação. Até hoje a Meditação Transcendental é divulgada com essa fachada de prática não religiosa, e a maioria dos ocidentais desconhece sua verdadeira natureza e suas teses.

Crenças da Meditação Transcendental

1. Sobre Deus. A Meditação Transcendental baseia-se nos escritos sagrados do Hinduísmo que oferecem uma visão panteística de Deus. Portanto, o deus da seita é panteístico, e o objetivo do fiel é integrar-se plenamente à unidade divina. É claro que tal posição anula a doutrina de um Deus singular, com personalidade distinta.

2. Sobre Jesus Cristo. A Meditação Transcendental ignora quase totalmente a pessoa de Jesus Cristo, mas Maharish ensina que qualquer um pode tornar-se um iluminado como Jesus, se adotar as técnicas da Meditação Transcendental. Pelo modo como ele desconhece Jesus e por sua visão do mundo, podemos deduzir que ele não o vê como o único Filho de Deus, manifesto em carne.

3. Salvação. Nesta seita, atinge-se a salvação quando se tem consciência de estar em

união com a Inteligência Criadora. “A solução para todos os problemas é o fato de que não há problemas. Assim que alguém reconhece essa verdade, não tem mais problemas”. Para se chegar a esse ponto, é preciso praticar a meditação da seita: “...pela Meditação Transcendental podemos obter a união, e por meio dela, destruir uma imensa montanha de pecados, de quilômetros e quilômetros de extensão. Não existe outra saída”. O termo salvação talvez nem seja adequado aqui, “ já que ninguém é de fato pecador, estando apenas esquecido de sua unidade com a divindade”.

Em conclusão, lembramos que o Hinduísmo, com suas facetas variadas e suas contradições, não tem afinidade alguma com o Cristianismo. Eles negam a Trindade bíblica, a divindade de Cristo e as doutrinas da expiação, do pecado e da salvação pela graça através do sacrificio de Cristo. Trocam a ressurreição pela reencarnação e a graça e a fé por obras humanas. Portanto, é impossível obter-se a paz com Deus por meio do Hinduísmo ou de qualquer uma de suas seitas. Não é olhando para dentro de si mesmo que o homem obtém a paz com Deus, mas olhando para aquele sobre quem Moisés e os profetas escreveram: Jesus de Nazaré, o Filho e o Cristo de Deus.

SEICHO-NO-IÊ

O movimento Seicho-no-iê é uma mistura de Xintoísmo (antiga religião do Japão), Budismo e Cristianismo. Foi fundado pelos idos de 1930, por Masaharu Taniguchi, nascido em Kobe, Japão.

Em 1932, Taniguchi, o fundador do movimento, publicou o livro *A Verdade da Vida*, obra que contém a filosofia Seicho-no-iê. Em 1963, começou o movimento em diversos países, inclusive no Brasil, adotando o nome de Igreja Seicho-no-iê no Brasil. Tendo São Paulo como o seu principal centro, esta seita falsa já alcançou quase todos os estados da federação, tendo como adeptos principalmente aqueles que buscam a cura física.

Esse movimento afirma ser a harmonia de todas as coisas do universo e o conagraçamento de todas as religiões. Ensina, inclusive, que Cristo, na Judéia, Buda na Índia, e o Xintoísmo no Japão, são manifestações de *Amenominakanuschi*, o *Deus absoluto*, e que todas as religiões têm como fundamento a verdade de que todos os seres humanos são irmão, filhos do mesmo Deus. Proclama também aos quatro ventos que a sua missão é transmitir ao mundo parte dos ensinamentos de Cristo e de Buda, que ainda não foram suficientemente revelados.

As crenças do movimento Seicho-no-iê

Além de possuir uma crença com base na compensação material, como saúde, dinheiro e bem-estar, possui um sistema doutrinário que o identifica muito bem com outras seitas.

1. Sobre Deus. “*Amenominakanuschi*, é o Deus absoluto. Não importa os nomes que tenha nas diversas religiões, já que todas elas e todos os deuses levam o homem a ele”.

2. Sobre a salvação. “Ser verdadeiramente salvo é compreender porque a doença se cura; porque é possível ter uma vida financeira confortável e porque se pode estabelecer harmonia no lar”.

3. Sobre o céu. “O homem pode viver um ‘reino do céu’ desde que compreenda que não existem doenças, males, dores etc”.

4. Sobre o pecado. “O pecado é como a doença, os males e a morte, não passando de meras ilusões. Não existe, pois, Deus não o criou’.

EXERCÍCIO 1

1. ____ Não há no Zen Budismo livros sagrados ou assertivas dogmáticas.
2. ____ Na seita Zen a pessoa é responsável tanto por sua liberdade quanto por sua escravidão.
3. ____ O Zen descarta a doutrina de um Deus Criador.
4. ____ Uma idéia fundamental no Hinduísmo é a de que todas as almas são eternas.
5. ____ “Por que ser cristão, se você pode ser um Cristo” – ensinamento do Rajneeshismo.
6. ____ Para os Hare Krishnas, Jesus Cristo é o Filho de Krishna.
7. ____ “A solução para todos os problemas é o fato de que não há problemas” – ensinamento da Meditação Transcendental.
8. ____ “O pecado não existe” – ensinamento da Sheicho-no-iê.

Seitas e Heresias



CAPÍTULO 2



**Homens e mulheres que
criaram sua própria seita**

Fraternidade Rosacruz, Igreja da Unificação, Cientologia, Racionalismo Cristão

FRATERNIDADE ROSACRUZ

O Rosacrucianismo é um conjunto de seitas de forte inclinação mística. Possui um minucioso conjunto de doutrinas que contém traços de várias fontes, o que o torna de difícil compreensão, sendo assim praticamente impossível analisá-lo.

O sistema teológico rosacruciano não somente é eclético, com sua mistura de mitologia pagã, Cristianismo e Judaísmo, com rudimentos do Hinduísmo e Budismo, mas é também um sistema de pensamento que procura sintetizar as verdades básicas de todas as religiões, incorporando-as à sua linha principal. Consideraremos neste estudo, a Fraternidade Rosacruz, embora muito do que será estudado aqui se aplica igualmente aos outros grupos rosacruzes.

Resumo Histórico

O fundador do Rosacrucianismo teria sido Christianus Rosenkreutz (1378-1484), um filósofo alemão que fazia firme oposição à igreja católica e alegava ser ele o revelador dos mistérios da rosacruz. Desde o início, a seita deu ênfase ao ocultismo e à religião mística do Cristianismo com as outras religiões do mundo. Um século depois de sua fundação, o Rosacrucianismo passou por uma fase de grande crescimento, com o apoio da maçonaria, que não apenas o considerava genuíno, mas ainda adotou alguns usos e costumes citados nos escritos daqueles que haviam satirizado a sociedade. Num época em que o mundo estava tentando entender o sentido dos cometas, da alquimia e do ocultismo oriental, o pensamento rosacruciano passou a ser uma interessante alternativa para quem rejeitasse a ortodoxia cristã.

Existem hoje mais de quinhentos grupos rosacruzes espalhados pelo mundo, dos quais o maior é a AMORC. A AMORC foi fundada em 1907 pelo engenheiro alemão

Carl Louis Von Grasshof (1865-1919) – mais conhecido pelo pseudônimo Max Hendel. A Fraternidade Rosacruz preservou muitas das crenças da Sociedade Teosófica (da qual Hendel fazia parte), e alguns aspectos de seu vocabulário mostram grande semelhança com o glossário da teosofia, compartilhando o conceito de que o homem passa por várias encarnações, expiando em cada uma os pecados da existência anterior.

Nesta nossa era de ecumenização, os rosacruzes dão grande ênfase à chamada “fraternidade universal”. O grupo identificado pela sigla AMORC nega que seja uma religião ou igreja. Apresenta-se como uma fraternidade ou uma organização que está procurando ajudar a humanidade a tomar as rédeas de seu destino.

A doutrina da Fraternidade Rosacruz

Nas publicações da seita encontra-se significativos fragmentos de simbolismo, antropologia, transmigração e até espiritismo. Sua doutrina ensina que há sete mundos, com sete divisões, cujo nível superior é dirigido por um “espírito universal”. Nesta lógica, toda a natureza, toda a criação acha-se unificada, estando em relação direta com a cruz, que representa o símbolo do desenvolvimento evolutivo do homem – seu passado, presente e futuro; não tem sentido como símbolo do preço que Deus pagou para redimir os filhos dos homens (Ap 1:5). Embora seja um sinal importante para a seita, ela é vista de forma diferente, pois embora ocupe uma posição central nas suas crenças, aparece cercada de rosas. Cria-se assim o conceito de cruz rosada.

Acreditam também que o homem se desenvolve com base no místico número 7. Aos sete anos ele possui um corpo vital; aos quatorze, um corpo de desejo; e aos vinte e um a mente atinge sua plenitude, embora o chamado ‘corpo denso’ esteja presente desde o seu nascimento.

Caminhando pelo labirinto terminológico e doutrinário dessa seita, encontramos ainda os três céus, aos quais se pode chegar através do sofrimento, do silêncio e da meditação. Ensinam eles que o corpo físico ou denso está ligado ao espiritual por um cordão de prata. Por ocasião da morte, esse cordão se rompe, libertando nossa natureza superior da física. A sua doutrina ainda envolve vários períodos (do sol, da lua, de saturno, etc.), os éteres, os corpos, e enfim numerosas hipóteses filosóficas. É impressionante o grande volume de dados que a seita conseguiu juntar para substituir as revelações bíblicas. A visão rosacruziana do mundo é panteísta (Deus é o conjunto de todos os seres), isto é, de algum modo, tudo que existe é parte ou expressão da essência ou natureza de Deus. Deus é tudo. Essa visão panteísta afeta todos os aspectos da crença.

A estrutura teológica do Rosacruzianismo

1. Sobre a Natureza de Deus. A Fraternidade Rosacruz afirma, e isto é amplamente conhecido, que Deus é um ser impessoal constituído de sete espíritos que se manifestam numa “divindade trina” com Pai, Filho e Espírito Santo. E para que não fique nenhuma dúvida, sobre isso, transcrevemos o que diz Heindel em um dos seus diversos livros: “...os sete espíritos que se acham diante do trono... são coletivamente deus e constituem a divindade trina... o Pai é o mais elevado iniciado na humanidade de Saturno... o Filho é o mais elevado iniciado na do Sol... o Espírito Santo (Jeová) é o mais elevado iniciado da Lua...” Nesse emaranhado semântico, a natureza de Deus, a Trindade santa ou o Deus trino da revelação bíblica, é apresentada de forma distorcida. Configura-se uma espécie de panteísmo oculto, que culmina com um ser espiritual impessoal, coletivamente designado como Deus. Para a Fraternidade, o Espírito Santo é Jeová, o terceiro aspecto da Divindade trina. Mas essas definições não têm sentido para o Cristianismo, pois a Bíblia afirma inequivocamente que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas divinas, todas coexistentes, com a mesma natureza e atributos, iguais e eternas.

2. Sobre a natureza e a obra de Jesus Cristo. Assim como a Fraternidade Rosacruz se opõe à doutrina cristã da Trindade, assim também rejeita a divindade de Cristo. Ela ensina que Jesus Cristo não era Jesus, nem o Filho unigênito de Deus. Para ela, ele foi apenas homem, o mais notável que existiu. O Cristo espiritual foi uma manifestação do Cristo cósmico, e o unigênito é “um ser exaltado que se acha acima de tudo o mais que há no universo a não ser no Poder que o criou”. Segundo a filosofia da Fraternidade “o espírito de Cristo, que entrou no corpo de Jesus quando o próprio Jesus o desocupou, era uma centelha do Cristo cósmico. Temos condições de apontar todas as encarnações anteriores de Jesus e acompanhar seu desenvolvimento até hoje”. Segundo o ensino da seita, Jesus Cristo, foi “um espírito que entrou na cadeia da evolução humana”. Essa tese nega a possibilidade de Deus estar encarnado na Pessoa do homem de Nazaré (I Jo 1: 1,14,18). Para eles, a missão do Senhor Jesus Cristo era manifestar-se ao mundo para auxiliar a humanidade no seu processo evolutivo. Jesus para eles se acha no nível da mais elevada manifestação: a iniciação do Filho. Assim como ocorreu com Buda e outros grandes líderes religiosos, ele foi revelado para facilitar a evolução humana. O soberano sobre todas as manifestações é o mais elevado iniciado proveniente de Saturno. Esse é chamado de Pai. O Espírito Santo é conhecido como o mais alto iniciado da lua. Contudo nem o Espírito Santo nem o Filho têm atuação no sentido de operar uma expiação vicária ou regeneração espiritual que culminaria com a redenção do indivíduo. Isso ocorre pela reencarnação psíquica.

3. Sobre o destino da humanidade. O conceito da Fraternidade Rosacruz de hu-

manidade também é antibíblico. Segundo o pensamento deles, o desenvolvimento do homem na terra teve vários estágios. Os negros, por exemplo, eram conhecidos como lemurianos, constituindo o terceiro desses estágios. Depois deles vieram a raça vermelha, a amarela e a branca. A raça branca era originalmente semítica, sendo a quinta das raças da Atlântida. Para a seita, o homem está-se evoluindo e chegará a ser divino. Aliás, na grande escala da evolução cósmica ele é uma espécie de ser divino, um semideus. Tendo essa visão da humanidade, eles podem de fato esforçar-se para criar uma fraternidade internacional, pois, segundo sua doutrina, a evolução cósmica e a lei da progressão apontam sempre para a frente e para o alto, culminando com a salvação de todos os homens. Com relação a isso, podemos lembrar as palavras do apóstolo Paulo que ofuscam a antropologia ocultista desses místicos. Diz ele: “O primeiro homem (foi) Adão” (I Co 15:45). Essa concisa palavra de Paulo derruba o conceito do aparecimento progressivo das raças, algumas das quais, segundo essa seita, seriam anteriores a Adão. Pela inspiração do Espírito Santo, o apóstolo afirma que houve só uma raça humana e que o progenitor dela foi Adão e que nele todos morremos (Rm 5:12; I Co 15:22) por causa do pecado e os rosacruzes não são exceção. Portanto, nem todos os amuletos ocultistas, nem os símbolos secretos, nem as cruzes cercadas de rosas, podem reconstituir o Adão esfacelado pelo pecado.

Para finalizar, é impossível conciliar o Cristianismo com a Fraternidade Rosacruz, pois o primeiro afirma que Jesus é a figura central de toda a história humana, é Deus, e a segunda coloca-o num panteão de divindades ou espíritos encarnados. As Sagradas Escrituras ensinam que existe só um Deus (Dt 6:4; G1 3:20) e que conhecer a Ele e a Jesus Cristo, é possuir a vida eterna (Jo 17:3). A Fraternidade Rosacruz não o conhece, não aceita seu sacrifício vicário pelos pecados (Is 53) e troca a ressurreição pela reencarnação. Ensina que o homem passa por diversas encarnações e várias esferas de perfeição progressiva, sempre como resultado da evolução cósmica.

A IGREJA DA UNIFICAÇÃO

A Igreja da Unificação, fundada e dirigida pelo coreano Reverendo Sym Myung Moon, representa um novo tipo de influência religiosa, bastante popular nos Estados Unidos, na atualidade. Dentre as principais características dessa seita encontram-se as seguintes: atrai principalmente jovens instruídos de classe média; utiliza inúmeros pseudônimos ou opera anonimamente, em particular quando faz aliciamento de

adeptos; apresenta uma ocidentalização de idéias das religiões orientais; distorce as Escrituras para tentar convencer aqueles que se lhe opõem que sua linha de pensamento oriental é compatível com o Cristianismo bíblico, afirmando ser o cumprimento dele.

Nesta breve análise da doutrina e prática da Igreja da Unificação focalizaremos alguns dos ensinamentos pelos quais ela pode ser classificada como seita não cristã em ambos os aspectos.

História

Tong Myung Moon (dragão brilhante) nasceu num lar cristão a 6 de janeiro de 1920, em Pyngan Buk-do, na região que hoje é a Coreia do Norte. Existem evidências de que ainda jovem ele se envolveu com práticas espíritas. Ele próprio narra que aos 16 anos teve uma visão na qual Jesus Cristo lhe apareceu pessoalmente, e lhe disse que o mundo seria transformado por intermédio dele, Moon. Contudo seus estranhos ensinamentos e práticas doutrinárias, bem como sua singular posição de líder e autoridade espiritual, só se cristalizaram na década de 1940.

O jovem Moon continuou a ler e interpretar a Bíblia sozinho. Depois foi estudar no Japão, completando a estruturação de seu sistema religioso em 1945. O livro oficial da igreja, *Divine Principle* (Princípio Divino), contém a mais completa apresentação de seu sistema doutrinário. Após a Segunda Grande Guerra de volta à Coreia do Norte, Moon esteve associado com um grupo de pentecostais dissidentes que adotavam algumas estranhas crenças.

Ainda em 1945, ele recebeu a revelação que deu origem à Igreja da Unificação. Nessa experiência visionária foi declarado que ele seria aquele por meio de quem o mundo seria salvo. Para que seu nome se tornasse um símbolo de seu domínio espiritual, em 1946 ele modificou-o para Sun Myung Moon (sol e lua brilhantes). Nos três anos seguintes, ele esteve preso duas vezes pelas autoridades comunistas. Depois de solto, Moon mudou-se para Pusan, na Coreia do Sul. Em 1954, em Seul, fundou sua igreja. A nova igreja recebeu o nome de Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, e desde o seu início tem provocado muita controvérsia.

Entretanto, a influência de Moon (e de sua igreja) cresceu bastante na Coreia do Sul, devido em grande parte às suas atividades seculares. Suas ideologias fortemente anticomunistas lhe valeram o apoio do governo.

A Doutrina da Unificação

1. Sobre Deus: “A positividade e negatividade básicas de Deus são os atributos essenciais de seu caráter e forma... Chamamos de positividade e negatividade divinas a sua masculinidade e feminilidade, respectivamente. Ou Deus projetou a plenitude de seu valor no objeto criado, ou então não criou nada... Portanto o homem é a forma visível de Deus, e Deus a forma invisível do homem. O sujeito e o objeto, em essência,

são um só. Deus e o homem são um. O homem é a encarnação de Deus”. A doutrina de Deus ensinada pela Igreja da Unificação apresenta traços do Mormonismo e do Espiritismo, mesclados com a sempre presente ênfase psico-sexual de Moon. A Bíblia ensina claramente que o homem, longe de ser a “encarnação de Deus”, é criatura dele, tendo sido criado “menor que os anjos”, e ainda mais: transgride as leis estabelecidas por Deus.

2. Sobre Jesus Cristo: “O *Principle* não nega a atitude de fé adotada por muitos cristãos que afirmam que Jesus é Deus, já que é fato também que (qualquer) um homem aperfeiçoado constitui um corpo com Deus. Precisamos entender que isso não significa que Jesus era o próprio Deus. Aqui na terra, ele era um homem como nós, a não ser pelo fato de que não possuía o pecado original”. Se Sun Myung Moon não tivesse escrito mais nada, essa citação seria suficiente para revelar que sua cristologia é essencialmente antibíblica. A Igreja da Unificação nega também que Jesus Cristo tenha ressuscitado corporeamente, e ensina que ele ressurgiu em espírito. Mas essa tese é derrubada à luz do diálogo do Senhor com Tomé, registrado no capítulo 20 do Evangelho de João, e de seu aparecimento aos discípulos, quando apresentou seu corpo como prova tangível de sua ressurreição (Lc 24:36-39). Para se demonstrar a um “moonie” o erro grosseiro que o Rev. Moon comete nessa questão tão básica da doutrina cristã, basta citar passagens como João 2:19-22 e 20:28.

3. Sobre a Salvação: “Precisamos compreender que, pela crucificação, Deus e Jesus perderam tudo... No momento da crucificação, não havia nada ali, nada, nem a nação de Israel, nem a fé judaica, nem os discípulos, nem a família, nada, nada, nem o Cristianismo. Não houve redenção, nem salvação. E também não ocorreu ali o início do Cristianismo. Então, na cruz, não foi efetuada a salvação”. É desnecessário fazer maiores comentários sobre a doutrina da salvação aceita por Moon, já que a verdade da cruz anula tudo que ele ensina. Segundo a Igreja da Unificação, a salvação não é obtida pela graça, por meio do perfeito sacrifício do Senhor Jesus, mas tem de ser completada através de obras humanas, bem como dos ensinamentos, revelações e exigências do Rev. Moon.

A advertência que o Senhor Jesus nos faz a respeito de falsos cristos e falsos profetas vêm bem a calhar com relação ao Rev. Moon, pois ele, sendo coreano, não pode se apresentar como o Messias, já que Cristo disse: “... a salvação vem dos Judeus” (Jo 4:22).

CIENTOLOGIA

A Cientologia é uma seita que se fundamenta em promessas deslumbrantes para atrair os fracos, solitários, confusos e aqueles que se achem emocional e mentalmente abalados. Dizem seus dirigentes que a crença pode “ajudar o homem a resolver o problema das adversidades e dificuldades da vida. Pela Cientologia, pode-se recuperar a esperança e a felicidade”, naturalmente em troca de dinheiro.

Histórico

O criador da Cientologia, Lafayette Ron Hubbard, nasceu em Nebraska, a 13 de março de 1911. Segundo publicações da seita, ele seria formado em engenharia civil, com especialização em física nuclear, pela Universidade George Washington. No entanto, os registros da escola revelam que ele cursou apenas dois anos. O que se sabe realmente é que ele conseguiu tornar-se um razoável escritor de ficção científica e de outros tipos de romances, na década de 30, embora sem grande sucesso.

Até 1952, o movimento de Hubbard era conhecido como “Danética”. Nesse ano, ele o reorganizou, mudou-lhe o nome para Cientologia, apresentou-o como um sistema religioso e seus centros de instrução como sendo igrejas. Hoje os “conselheiros” são chamados de “pastores”, e até já adotaram o uso do colarinho clerical.

Durante muitos anos, a sede internacional da Cientologia esteve em Saint Hill, Inglaterra. De 1966 a 1975, o grupo teve uma sede flutuante, o barco Apollo de noventa metros de comprimento, onde Hubbard morava. Ele dirigia a organização protegido por uma verdadeira muralha de assessores e auxiliares imediatos. Entre 75 e 79, passou grande parte do tempo em reclusão num deserto (provavelmente na Califórnia). De março de 1980 para cá, ninguém, nem sua esposa, nem os cientologistas, dizem tê-lo visto pessoalmente. Contudo, existem até membros do alto escalão da Cientologia que duvidam que ele esteja mesmo vivo.

Algumas Doutrinas da Cientologia

1. Sobre Deus: “Existem deuses que estão acima de todos os outros deuses, e deuses além dos deuses dos universos”.

2. Sobre Jesus Cristo: “Encontramos a cruz como símbolo em todo o universo, e a lenda de Cristo implantada nos pré-esclarecidos já há um milhão de anos. Pelas evidências, nem o senhor Buda nem Jesus Cristo eram T.O. (tetãs operadores, o mais alto nível da Cientologia). Estavam apenas um pouco acima dos esclarecidos”.

3. Sobre Pecado e Salvação: “É terrível e totalmente indigno dizer-se a uma pessoa que ela é pecadora e tem de arrepender-se. A salvação pessoal (é) ficar livre do ciclo contínuo de nascimento e morte (reencarnação)... A prática religiosa de todas as crenças é o caminho universal para se chegar à sabedoria, à compreensão e à salvação”.

4. Sobre o Castigo Eterno (Inferno): “O inferno não passa de um mito, de uma mentira hedionda, uma invenção cujo único objetivo é afligir os homens”.

Outro ponto falho da Cientologia é seu total desinteresse pelo social. Se ela desistisse de suas pretensões de ser vista como uma religião, não teríamos razão para criticá-la. Mas ela se torna censurável por se apresentar como uma igreja e ao mesmo tempo negligenciar as responsabilidades que uma igreja tem em sua comunidade e para com a nação e o mundo. A Cientologia não oferece nada à sociedade, a não ser um método claro e altamente questionável de psicoterapia, cujo objetivo é a busca do auto-aprimoramento, autocontrole e felicidade-pessoal. Dessa forma, a porta da salvação fica fechada para quem não pode pagar o preço necessário. E não se diz nada acerca das condições dos pobres, enfermos, desabrigados, oprimidos...

Assim como o apóstolo Paulo lastimava o legalismo que afastava os cristãos gálatas da salvação pela fé somente, assim também os evangélicos devem repudiar as falsas premissas dos cientologistas, que os afastam da graça de Deus em Cristo: a ingênua concepção de que a natureza humana não se acha maculada pelo mal, que o cérebro do homem pode ter perfeito discernimento e julgar corretamente os fatos, que o conhecimento perfeito automaticamente resulta em conduta correta, que não é necessário nos arrependermos de nossos pecados, nem precisamos da graça divina, e, acima de tudo, que Deus (a maioria deles crê na existência de Deus) é de todo irrelevante para a vida humana. (Joseph Hopkins – Cientologia, religião de extorsão).

RACIONALISMO CRISTÃO (CIÊNCIA CRISTÃ)

Foi organizada e fundada no ano de 1879. Mary Baker Eddy, sua fundadora, desde criança padecia de crises nervosas. Ainda jovem, tornou-se membro da Igreja Congregacional, sem, no entanto, haver experimentado conversão genuína.

A sua vida matrimonial foi uma verdadeira desilusão do princípio ao fim. Ficou viúva do primeiro marido não muito depois do casamento. Teve de divorciar-se do segundo marido, vindo a contrair um novo casamento com um dos seus primeiros discípulos, de nome Asa Eddy, que também veio a morrer, anos depois.

Em meio a todos esses problemas matrimoniais, e acometida de uma grave enfermidade, se deixou influenciar pelos ensinamentos de um curandeiro e hipnotizador popular chamado Fineas Quimby, que negava a existência da matéria, do sofrimento, da enfermidade, do pecado e do mal.

As crenças do Racionalismo Cristão

1. “A Bíblia é a única autoridade”. Contudo sem os ensinamentos do racionalismo Cristão é impossível compreender a Bíblia; e todos estes ensinamentos foram divinamente inspirados.
2. “Deus é um princípio divino, um Ser supremo incorpóreo; que é mente, espírito, alma, vida, verdade e amor. Deus é toda substância, inteligência”.
3. “Nas palavras de São João: ‘Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco...’, este Consolador é a Ciência Divina... A Ciência Cristã é o Espírito Santo”.
4. “Jesus não é o Filho de Deus num sentido diferente daquele em que todo homem é filho de Deus. Jesus é o ser humano, e Cristo, a idéia humana. A virgem-mãe concebeu essa idéia de Deus e deu a seu ideal o nome de Jesus”.
5. A eficácia da crucificação reside no fato de que ela demonstrou afeto e bondade práticos para com a humanidade. O sangue material de Jesus não era mais útil quando foi derramado na cruz do que quando corria pelas suas veias em vida. Veio a salvar os homens da crença de que eram pecadores. O homem já é perfeito”.
6. O que os evangélicos chamam de ressurreição de Cristo, era a demonstração da Ciência Divina, o triunfo da Verdade e do Amor imortal sobre o erro”.
7. “A segunda vinda de Cristo é o despertar de um sono enganoso para dar-se conta da verdade”.
8. “O diabo é o mal irreal da mente falsa e mortal” .
9. “A oração não é petição, mas simples afirmação. A oração dirigida a um Deus pessoal é um obstáculo e pode levar à tentação. Não se persuade a Deus a fazer mais do que já fez”.
10. “O homem foi, é e será sempre perfeito.... O homem é incapaz de pecar. Posto que o homem é a idéia da imagem de Deus, perfeito. É completamente bom, fora do alcance do mal”.
11. “Não existe inferno, nem juízo. Não existe um céu literal; este simplesmente existe em harmonia perfeita com a Mente Divina”.

Os ensinamentos da Sra. Mary Baker, seguidos pelos seus discípulos, são antibíblicos e absurdos.

EXERCÍCIO 2

1. ____ A Fraternidade Rosacruz afirma que Deus é um ser impessoal constituído de sete espíritos.
2. ____ Para eles, a missão de Jesus era manifestar-se ao mundo para auxiliar a humanidade no seu processo evolutivo.
3. ____ Moon recebeu a revelação, em 1945, que deu origem à Igreja da Unificação.
4. ____ Moon em seus ensinamentos diz que pela crucificação, Deus e Jesus perderam tudo.
5. ____ A Cientologia ensina que “o inferno não passa de um mito”.
6. ____ A Cientologia tem total desinteresse pelo social.
7. ____ O Racionalismo Cristão acredita que “o homem foi, é e será sempre perfeito”.
8. ____ Acredita também que o “o diabo é o mal irreal da mente falsa e mortal”.

Seitas e Heresias



CAPÍTULO 3



**“O Profeta” e
os “Russelitas”**

Mormonismo e Testemunhas de Jeová

MORMONISMO (OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS)

De acordo com o almanaque da Igreja Mórmon, seus primeiros membros no Brasil foram os imigrantes alemães Augusta Kuhlmann Lippelt e seus quatro filhos, que chegaram ao Brasil em 1923. O marido, Roberto, foi batizado vários anos mais tarde. Entretanto, os primeiros missionários no Brasil foram os “élderes” William F. Heinz e Emil A. J.I Schindler, acompanhados por Rheinold Stoof, presidente da Missão Sul Americana em Buenos Aires, Argentina, que em 1928, começou o proselitismo entre as pessoas de língua alemã.

A história dos mórmons é marcada pelo racismo, em conseqüência de sua doutrina igualmente racista. Segundo o historiador mórmon Dr. Lawrence J. Nielsen, durante anos a igreja evitou converter pessoas de ascendência africana, e os missionários desenvolveram vários métodos (até a prática de verificar alguns de fotografias) para detectar tal linhagem a fim de não batizar pessoas erradas. Desenvolveram também códigos secretos – sinais de mão – para se comunicar sem serem reconhecidos pelos negros. Segundo o pesquisador mórmon Mark L. Grover, durante os anos 50 a missão brasileira estabeleceu oficialmente como seu alvo principal a “pureza racial de todos os novos convertidos”.

Perspectiva Histórica

As sementes daquela que mais tarde seria a religião mórmon achavam-se em germinação na mente de Joseph Smith Jr., o “profeta”, que em 1816 era conhecido do povo de Palmyra, Nova Iorque, simplesmente como Joe Smith.

Seu pai era um homem místico que passava grande parte de seu tempo a procurar imaginários tesouros escondidos. Além disso, algumas vezes tentou imprimir dinheiro falso, o que, pelo menos numa ocasião, levou-o a um confronto com a polícia

local. A mãe era dada a idéias religiosas extremadas, e cria nas superstições mais triviais.

O chamado do “profeta” teve início no ano de 1820, quando ele alegou ter recebido uma visão maravilhosa, na qual Deus Pai e Deus Filho se materializaram e conversaram com ele, num momento em que orava numa floresta próxima. Ele narra o acontecido com grande riqueza de detalhes em seu livro *The Pearl of Great Price* (A pérola de grande valor) (Joseph Smith – História 1.1-25). Aí ele revela que os dois personagens expressaram uma opinião bem negativa da igreja cristã, e por extensão do mundo inteiro, e lhe anunciaram que era preciso proceder-se à restauração do verdadeiro Cristianismo, e que ele, Joseph Smith Jr., fora escolhido para dar início à nova dispensação.

Mas foi só em 1823, ocasião em que o “anjo Moroni” apareceu ao lado de sua cama, provocando nele um forte tremor que Smith começou a falar das fabulosas “placas de ouro” que depois se tornariam o Livro de Mórmon. De acordo com o relato que ele fez dessa extraordinária revelação, que se acha registrada no livro Pérola de Grande Valor (Joseph Smith – História 2.29-54), o anjo Moroni, filho glorificado de um homem chamado Mórmon, cujo nome dá título ao livro, apareceu ao lado de sua cama, e por três vezes apresentou ao caçador de tesouros, que afirma ter ficado estupefato, o chamado para uma missão. Smith só escreveu isso alguns anos depois, mas nem o lapso de tempo justifica o sério erro que cometeu ao relatar a proclamação feita pelo anjo. A confusão existe principalmente nas primeiras edições do livro Pérola de Grande Valor, nos quais o nome do anjo mensageiro é Moroni. Contudo, nas últimas edições, com a mesma autoridade profética, Joseph diz que o mensageiro divino fora Nefi, um personagem totalmente diferente, que aparece no Livro de Mórmon.

Esse desastrado truncamento do sistema de comunicações divino foi corrigido depois por escritores mórmons mais cautelosos, que procuraram expurgar dos escritos de Smith, Young e outros autores anteriores todos os enganos sobre fatos e dados históricos que não pudessem ser explicados. Portanto, nas edições mais recentes, as “revelações” acham-se bem harmonizadas, e identificam “Moroni” como sendo o indivíduo que lhe apareceu á meia-noite. Contudo, para os mais fiéis, aparentemente não faz muita diferença se foi Moroni ou Nefi quem lhe levou a mensagem. Enfim, Smith alega ter recebido em 1827 as placas de ouro, a partir das quais teria escrito o Livro de Mórmon. Pouco depois do histórico encontro das placas, que ele desenterrou no monte Cumorah, perto da cidade de Palmyra, Smith pôs-se a “traduzir” os hieróglifos nela escritos no idioma “egípcio reformado”. Para isso, utilizou uma espécie de óculos miraculosos, chamados “Urim e Tumim”, que o pres-

timoso Moroni teve a previsão de fornecer ao incipiente profeta.

Na época em que Joseph estava fazendo a tradução das placas (1827-29), certo professor, um mestre-escola itinerante de nome Oliver Cowdery, fez-lhe uma visita. Ali Cowdery convenientemente se “converteu” à religião do profeta, e pouco depois tornou-se um dos “escribas” que redigiram o que Joseph afirmava ser o conteúdo das placas, apesar de nunca as terem visto. Com o passar do tempo, os dois se tornaram amigos íntimos. O trabalho de “tradução” e o seu zelo espiritual foi tão intenso que, a 15 de maio de 1829, os céus não puderam mais conter sua alegria. Assim, “João Batista” em pessoa foi enviado a toda pressa ao pequeno Estado da Pensilvânia por ordem de “Pedro, Tiago e João”, para conferir a Joseph e Oliver o “sacerdócio aarônico”.

Em seguida, deixando o Estado de Pensilvânia, pois agora se achava mais santificado e immortalizado pelo fato de “João Batista” haver procedido ali à iniciação de Joseph no sacerdócio aarônico, voltou ao Estado de Nova Iorque, dirigindo-se para a casa de Peter Whitmer, na cidade de Fayette. Permaneceu ali até terminar a “tradução” das placas e publicar e registrar o Livro de Mórmon, o que se deu em 1830. Daí em diante houve um grande crescimento desta seita.

Em 1844, Joseph Smith e seu irmão Hyrum foram brutalmente assassinados, quando estavam presos pela destruição do jornal que os denunciavam pela prática de poligamia. Isto aconteceu em Nauvoo, Illinois. Com o assassinato de Joseph Smith, a grande maioria dos mórmons aceitou a liderança de Brigham Young, que então tinha quarenta e três anos de idade e já comandara o grupo anteriormente, quando os salvara da ira dos cidadãos de Missouri.

Em 1846 ele anunciou que os “santos” iriam deixar Nauvoo. Em 1847, após uma penosa viagem pelas regiões desérticas do sudoeste americano. Young chegou com o primeiro grupo de mórmons no vale do grande Lago Salgado.

Brigham Young dirigiu a Igreja Mórmon por mais de trinta anos, tendo herdado, por indicação divina o mando profético de seu antecessor, prática que é ainda hoje observada. Assim cada novo presidente da Igreja Mórmon alega ter a mesma autoridade que tiveram Joseph Smith e Brigham Young – uma sucessão profética infalível.

Smith deu à seita o seu empurrão inicial. Brigham Young deu-lhe o impulso necessário para que ela se firmasse como uma religião de fato. O próprio Young foi uma personalidade de múltiplas facetas e é impossível compreender plenamente a doutrina da seita sem ver a enorme influência que exerceu sobre ela o “profeta” Young com seus ensinamentos. A doutrina mórmon é uma aglutinação dos ensinamentos de Smith, Young e dos pronunciamentos dos presidentes que os sucederam. Portanto, não se pode entender o Mormonismo sem a pessoa de Young.

Brigham Young foi um homem de grande coragem, possuidor de uma mente muito atilada, mas também capaz de atos de crueldade que hoje, convenientemente, foram esquecidos pelos historiadores mórmons. Uma evidência de sua determinação de controlar todo o estado de Utah foi o fato de ter dado ordem para a chacina de mais de cem imigrantes que não eram mórmons. O incidente ficou conhecido como “o massacre do Monte Meadows”. Nessa ocasião, em 1857, por razões que apenas Young conhecia, ele mandou que o “bispo” John D. Lee destruísse uma caravana na qual estavam os imigrantes, praticamente indefesos. O bispo obedeceu fielmente e vinte anos depois foi preso, julgado, condenado à pena de morte e executado pelo governo dos Estados Unidos, por esse crime, um ato cruel e autocrático.

O Mormonismo hoje está bem diferente do que era na época de seus fundadores, no que diz respeito a princípios e práticas. É verdade que continua fiel às doutrinas básicas, mas nos casos em que o ensino da seita entra em conflito com as leis da nação ou prejudica sua influência política, como na poligamia, por exemplo, os Santos dos Últimos Dias sabiamente preferem ignorar (ou “reinterpretar”, como dizem) as orientações dadas pelos dois profetas principais. A história dos mórmons é bastante vasta e complexa.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sobressai entre todas as seitas religiosas ativas dos Estados Unidos pelo fato de possuir a história mais interessante. Ela merece a atenção e o estudo de todos os que se interessam pelas religiões originadas no continente americano.

Eles dividem-se em dois grupos principais: a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cuja sede fica em Salt Lake City, em Utah, e a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com sede em Independence, Missouri.

Desde a sua fundação, a Igreja Mórmon tem-se caracterizado por grande zelo e prosperidade, bem como por um admirável espírito missionário. Antes mesmos da Segunda Grande Guerra, a igreja já possuía mais de dois mil missionários em vários países do mundo. Após a guerra, a seita aumentou grandemente sua divulgação em toda a parte e hoje tem mais de 44.500 “missionários” ativos.

Um fato curioso é responsável por esse grande número de obreiros: a Igreja Mórmon tem o hábito de incentivar seus jovens mais promissores – os rapazes aos 19 anos, e moças, aos 21 – a dar dois anos de trabalho num campo missionário, com sustento próprio. Em alguns casos, são os próprios pais dos jovens que os sustentam durante esse trabalho. É interessante observar que, aproximadamente a cada duas semanas, cerca de setenta a noventa jovens ingressam nesse tipo de atividade missionária.

Pelo que ensina a seita, o mórmon deve sempre manter seu corpo no melhor estado de saúde possível e os adeptos são aconselhados a não fazer uso de fumo e bebidas alcoólicas e até a evitar café, chá e outras bebidas que contêm cafeína, como a Coca-Cola. A igreja dá forte ênfase ao ensino sobre o dízimo, estabelecido no Velho Testamento e exige que todos os seus membros o pratiquem.

Difundida como é por um povo decidido, zeloso e de mentalidade missionária, que pratica uma religião de “boas obras” e vida pura, a seita mórmon aplica todos os anos milhões de dólares na divulgação dos ensinamentos de seus principais profetas, Joseph Smith e Brigham Young. Ao mesmo tempo, procura converter toda e qualquer pessoa que queira dar-lhe ouvidos, independente de filiação a outra seita ou religião. Além da arrecadação regular proveniente dos dízimos, a igreja incentiva também outro tipo de contribuição que chama de “ofertas de jejuns”. Essa prática incomum consiste de jejuar-se no primeiro domingo de cada mês, e dar para a igreja o dinheiro que seria gasto nessa refeição, como uma contribuição voluntária para o sustento dos pobres.

O Mormonismo valoriza bastante a educação como prova do fato de que possuem cursos de “seminários” e “institutos” para alunos de nível médio ou de faculdade. Além disso, eles possuem mais de cinquenta escolas fora dos Estados Unidos, sendo a maioria delas no México e em países do Pacífico Sul.

Outro aspecto desse grupo é que está sempre construindo templos e capelas. Os templos são dedicados especialmente à realização de cerimônias secretas como casamentos “celestiais”, selamentos, batismo pelos mortos e outras ordenanças em favor dos mortos.

Esses templos em geral lindas construções de alto custo, com mobiliário caro, são vedados a “gentios”, nome com que designam todos os que não pertencem à seita. Além de darem forte ênfase à educação, os mórmons também apreciam esportes, passatempos, teatro, música, cursos de economia doméstica para noivas, danças e festivais de teatro. Eles possuem uma organização encarregada de cuidar dessas atividades, a Mutual, que já promoveu milhares de bailes e outras programações, com o objetivo de oferecer entretenimento para os jovens.

Os mórmons constituem um grupo de influência nos Estados Unidos. É bom saber que são eles o grupo religioso com maior número de membros no “Who’s Who” (Quem é Quem – listagem de personalidades importantes no país). O mesmo pode-se dizer das sociedades científicas honoríficas americanas. Muitos líderes da igreja mórmon têm sobressaído também em cargos governamentais.

A seita está longe de ser uma organização de pouca influência. Pelo contrário; constitui uma grande força política e social que deve ser encarada com respeito, fato reconhecido pelas pessoas mais bem informadas.

Sua organização

A organização e administração geral da Igreja Mórmon é dirigida pelas “Autoridades Gerais”. A mais alta autoridade é a Primeira Presidência (ocupada hoje por Ezra Taft Benson e dois conselheiros). Eles têm a assessoria do “Quorum dos Doze Apóstolos”, do “Primeiro Quorum dos Setenta” e sua presidência, do Bispado Presidente e do Patriarca da igreja. Toda a autoridade entre os mórmons acha-se atribuída ao sacerdócio, do qual existem dois tipos: “aarônico” (ou menor) e “de Melquisedeque” (ou superior); quase todos os membros do sexo masculino acima de doze anos pertencem a uma dessas duas ordens. Administrativamente a igreja é dividida em territórios que consistem de “alas” e “estacas”. A ala consiste de um grupo de quinhentos a mil membros. Cada ala é presidida por um bispo e dois conselheiros. A estaca é formada pelo agrupamento de diversas alas, sendo supervisionada por um presidente de estaca e dois conselheiros, auxiliados por doze sumo sacerdotes, que constituem o alto concílio da estaca.

Em média, os membros da seita caracterizam-se por uma vida moral muito boa. De modo geral, são pessoas agradáveis, quase sempre hospitaleiras, extremamente dedicadas à família e aos ensinamentos da igreja. Infelizmente, porém, a maioria ignora as questionáveis origens de sua religião, tanto no que diz respeito à sua história quanto à sua doutrina. Quando descobrem que a formação dela nada tem de belo e nem de cristão, mostram-se sinceramente chocadas. Essa faceta pouco conhecida do Mormonismo é “um lado da moeda” que inúmeros de seus historiadores procuram esconder dos membros, numa tentativa de omitir certos fatos negativos, que podem ser facilmente comprovados. São esses fatos que vamos recordar agora, com o objetivo de obter um retrato fiel da religião de Joseph Smith..

A História do Livro de Mórmon

O Livro de Mórmon narra a história de dois povos antigos que teriam vivido no continente americano. Segundo ele, a primeira dessas duas civilizações teria partido da Torre de Babel (pelo cálculo deles no ano 2.250 a.C.), dirigiram-se para a Europa e de lá emigraram para a costa leste da América Central. O segundo grupo teria saído de Jerusalém por volta do ano 600 a.C., antes da destruição da cidade e do cativeiro babilônico. De acordo com a narrativa mórmon, esse povo cruzou o Oceano Pacífico, indo desembarcar na costa oeste da América do Sul.

O Livro de Mórmon pretende ser uma narrativa condensada dos pontos mais importantes da história dessas civilizações. O autor do livro é um profeta chamado Mórmon. O livro é a “tradução do relato abreviado dos registros dessas civilizações”, e “contém um breve esboço da história do povo Jaredita, a primeira civilização extraída de registros nele encontrados durante o período de existência da segunda”.

Os Jareditas foram destruídos devido à sua “corrupção”. Foram castigados por sua apostasia, e a civilização deles foi totalmente aniquilada. O segundo grupo, que chegou à América por volta do ano 600 a.C., eram judeus justos, cujo líder era um homem chamado Nefi. Eventualmente esse grupo também teve sorte igual à dos Jareditas; dividiu-se em dois grupos que guerreavam entre si: nefitas e iamanitas (índios). Devido a suas práticas pecaminosas os Iamanitas receberam uma maldição, a pele amorenada.

Dizem os registros mórmons que Cristo foi à América (EUA), revelou-se aos nefitas, pregou o evangelho para eles e instituiu o batismo e a ceia do Senhor. Infelizmente os nefitas não conseguiram resistir aos iamanitas. Foram derrotados e dizimados por eles, numa grande batalha travada perto do monte Cumorah em Palmyra, estado de Nova Iorque, aproximadamente no ano 385 de nossa era.

Cerca de mil e quatrocentos anos depois, dizem os mórmons, Joseph Smith Jr. Desenterrou a condensação feita por Mórmon, escrita em hieróglifos da língua egípcia-reformada, em placas de ouro. Utilizando o urim e o Tumim (óculos sobrenaturais) ele os traduziu para o inglês. E foi assim que surgiu o Livro de Mórmon, publicado em 1830, tendo estampado o nome de Joseph Smith Jr., como seu “autor e proprietário”.

Para evitar confusão, é preciso que se diga que foram revelados a Smith quatro tipos de placas de Nefi, as de Mórmon, as de Éter e as de Latão de Labão.

As placas de Nefi continham principalmente a história secular, embora houvesse ainda as menores, que supostamente narravam eventos sagrados. O segundo grupo de placas continha um resumo das de Nefi, feito por Mórmon, acrescido de comentários dele, e algumas notas históricas adicionais escritas por seu filho Moroni. O terceiro conjunto continha o registro da história dos Jareditas, também condensada por Moroni, que a ela acrescentou ainda seu comentário. Este grupo leva o nome de Livro de Éter.

O quarto grupo de placas teria vindo de Jerusalém, e conteria extratos dos nefitas. Nelas se encontravam principalmente citações das Escrituras Hebraicas bem como genealogias. Joseph Smith alega ter recebido as placas em 1827 da mão de Moroni, “um ser que ressuscitara”.

Evidências Científicas Contrárias ao Livro de Mórmon

Numa tentativa de justificar as afirmações do Livro de Mórmon e dar-lhes validade, a maior autoridade em Mormonismo, Joseph Smith Jr., o profeta mórmon, relatou um acontecimento que, se verdadeiro, constituiria evidência fortemente favorável a algumas das afirmações dos mórmons com relação à sua Bíblia. Felizmente, trata-se de um fato sobre o qual podemos apresentar inúmeras evidências contrárias.

Pelo que afirma Joseph Smith, seu colega Martin Harris obteve do erudito pro-

fessor Charles Anion da Universidade de Columbia, uma confirmação da tradução dos caracteres hieroglíficos em “egípcio reformado”, encontrados nas placas que Moroni lhe havia dado. O problema dessa afirmação de Smith é que o professor Anthon nunca disse nada disso, o que, felizmente, ficou registrado numa longa carta que dirigiu ao Sr. E. D. Howe, um contemporâneo de Joseph Smith que efetuou uma extensa e exaustiva pesquisa acerca do profeta mórmon e das origens do Mormonismo. Os mórmons nunca conseguiram refutar Howe e por isso o temem e detestam. Isso se aplica não apenas aos historiadores da seita, mas também a outros membros dela em nossos dias.

Assim que Howe ficou sabendo da afirmação de Smith com relação a Anthon, escreveu para ele, na Universidade de Colúmbia. A carta resposta do Prof. Anthon é bastante reveladora e destrói toda a veracidade das palavras de Smith e Harris. Além disso, podemos questionar também como o professor Anthon poderia ter dito que as letras que lhe foram mostradas por Martin Harris, copiadas por Joseph Smith, e apresentadas como parte do material extraído da revelação do Livro de Mórmon, eram caracteres “egípcios, caldeus, assírios e arábicos”, quando o próprio Livro de Mórmon afirma que a escrita era em “egípcio reformado”, a língua falada pelos nefitas. E já que a língua do Livro de Mórmon não era falada por “nenhum outro povo”, como o professor Anthon poderia ter confirmado que a tradução feita por Smith estava correta? Até hoje ninguém achou o menor traço dessa língua que chamam de “egípcio reformado”. Todos os lingüistas reconhecidos que estudaram as provas apresentadas pelos mórmons as rejeitam, dizendo que não passam de fábulas.

O Livro de Mórmon ainda afirma a existência de trinta e oito civilizações que foram realmente poderosas, e que, pelas leis da pesquisa arqueológica de povos antigos, deveriam ter deixado grande quantidade de resíduos que poderiam ser analisados. Mas isso não se deu.

O Instituto Smithsonian, de Washington, pronunciou-se acerca das alegações feitas no Livro de Mórmon: “O Instituto Smithsonian nunca utilizou o Livro de Mórmon como fonte de orientação científica. Os arqueólogos deste instituto não vêem nenhuma conexão entre a arqueologia do novo Mundo e a matéria de que trata o livro”. Obviamente os mórmons não podem ignorar uma informação de fonte científica tão conceituada. Fica claro que as cidades mencionadas no Livro de Mórmon são imaginárias, que neste continente nunca houve elefantes, e que os metais nele citados nunca foram encontrados nas regiões habitadas por civilizações contemporâneas. Não se trata aí de um teólogo tentando atacar a doutrina dos mórmons, mas sim, de reconhecidos especialistas em arqueologia refutando o Livro de Mórmon com base no fato de que seus relatos não se acham em harmonia com as descobertas

científicas. Os missionários mórmons não gostam muito de conversar sobre pontos doutrinários cujas provas em contrário são bem conhecidas. O fato é que as provas existem e provêm de fontes irrefutáveis. Eles alegam que a Bíblia profetizou o aparecimento do Livro de Mórmon. Este por sua vez interpreta as profecias do Antigo Testamento e afirma ser parte da Nova Aliança de Deus com Israel. Supostamente, ele é também “outra testemunha” de que o evangelho de Cristo é verdadeiro. Mais, infelizmente para os Mórmons, essa suposta testemunha acha-se em conflito direto com a revelação bíblica.

Por último, quem estuda o Mormonismo deve comparar o conteúdo do livro com o da Bíblia. E assim que o fizer verá que ele não fala de acordo com “a lei e o testemunho” (Is 8:20). Dessa forma, deve ser rejeitado como uma falsa revelação, duas vezes condenada por Deus (Gl 18:9). O autor dessa “revelação”, Joseph Smith, foi descrito na Bíblia (como o foi também o castigo que receberia), cerca de três mil e trezentos anos antes de nascer. Seria bom que os mórmons atentassem para a seguinte passagem: *“Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti, e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conhecestes, e servamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o senhor vosso deus de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma. Andareis após o Senhor vosso Deus, e a ele temereis; guardareis os seus mandamentos, ouvireis a sua voz, a ele servireis e a ele vos achegareis. Esse profeta ou sonhador será morto, pois pregou rebeldia contra o senhor vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito, e vos resgatou da casa da servidão, para vos apartar do caminho que vos ordenou o senhor vosso Deus, para andardes nele. Assim eliminarás o mal do meio de ti. Se teu irmão, filho de tua mãe, ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher do teu amor, ou teu amigo que amas como à tua alma, te incitar em segredo, dizendo: Vamos, e sirvamos a outros deuses, – que não conhecestes, nem tu nem teus pais, dentre os deuses dos povos que estão em redor de ti, perto ou longe de ti, desde uma até a outra extremidade da terra, não concordarás com ele, nem o ouvirás; não o olharás com piedade, não o pouparás, nem o esconderás, mas certamente o matarás. A tua mão será a primeira contra ele, para o matar, e depois a mão de todo o povo. Apedreja-lo-ás até que morra, pois te procurou apartar do senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão”* (Dt 13:1-10).

Portanto, o Livro de Mórmon constitui uma desobediência à Palavra de Deus, pois fez acréscimos a ela e à única revelação de Deus. O castigo para esse tipo de erro é terrível e assustador (Ap. 22:18-20). Joseph Smith declarou guerra ao Cristianismo, quando atribuiu a Deus a afirmação de que todas as denominações cristãs estão

“erradas”, que os seus credos são “uma abominação” e “que todos os cristãos são corruptos. Tendo religiosidade aparente, mas negam o meu poder” (Joseph Smith – History 1.19).

Segundo a Igreja Mórmon tem afirmado, que desde a sua fundação, que eles possuem algo que nenhuma outra igreja possui: os sacerdócios de Arão (que já foi citado anteriormente) e de Melquisedeque. Eles ensinam que Joseph e Oliver receberam o sacerdócio aarônico das mãos de João Batista em 15 de maio de 1829, e que “o sacerdócio de Melquisedeque foi conferido a eles, por ministração de Pedro, Tiago e João, depois de terem recebido o aarônico”. Eles afirmam que o sacerdócio de Melquisedeque sendo superior detém a mais alta autoridade do sacerdócio e as chaves do reino de Deus em todas as eras do mundo, até a prosperidade final da terra. E também é o canal pelo qual são revelados dos céus todo conhecimento, doutrina, o plano da salvação e todas as questões importantes. Todas essas alegações são refutadas pela Bíblia.

Podemos tranquilamente deixar o julgamento da “Bíblia” mórmon a cargo da História, e a doutrina deles ao pronunciamento da imutável Palavra de Deus. Mas temos de expor a verdade com relação a essas coisas e ter sempre em mente que, apesar de os mórmons serem sinceros, isso não deve impedir-nos de emitir críticas justas à fé deles e à base dela, o Livro de Mórmon, e às “revelações” de Joseph Smith. A verdade deve ser dita em amor, mas deve ser dita.

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ E A SOCIEDADE TORRE DE VIGIA

De acordo com o Anuário das Testemunhas de Jeová de 1974, os ensinamentos da Torre de Vigia chegaram ao Brasil depois de contatos de alguns marinheiros brasileiros com as Testemunhas de Jeová em Nova Iorque, Estados Unidos, por volta de 1920. Em março de 1922, a Sociedade enviou seu primeiro representante ao Brasil, marcando nesta mesma ocasião a primeira reunião pública no auditório do Automóvel Clube do Brasil, no Rio de Janeiro.

A primeira revista em português, *A Torre de Vigia*, foi publicada em 1923 (esta publicação foi interrompida nos anos 20 e reiniciada em 1937). O nome da revista foi mudado para *A Atalaia* em 1940, devido à suspeita do governo em relação ao nome Torre de Vigia. Além disso, os Adventistas já tinham uma revista com nome semelhante, e, assim, em 1943, o título passou a ser *A Sentinela*, que é o nome atual da publicação. Uma outra importante revista da Sociedade foi publicada com o título de *Consolação*, e depois passou a ser chamada *Desperta! A partir de 1940*.

Um breve histórico da seita

O fundador da seita que hoje é conhecida como “Testemunhas de Jeová” foi Charles Taze Russell, que também a administrou dinamicamente e deu à organização as amplas dimensões que ela possui. A propósito, o nome de “Testemunhas de Jeová” foi adotado em 26 de julho de 1931, em Columbus, Ohio, EUA, para distinguir a Torre de Vigia dos seguidores do ensino de Russel.

C. T. Russel nasceu a 16 de dezembro de 1852, filho de Joseph L. Russel e Anna Eliza Russel, e viveu a maior parte de sua infância em Pittsburgh e Alleheny, Pensilvânia. Ainda bem jovem rejeitou a doutrina do castigo eterno, provavelmente devido à rígida educação religiosa recebida na Igreja Congregacional. A partir daí, iniciou uma longa e diversificada atuação, antagonizando as “religiões organizadas”. Em 1870, aos 18 anos, Russel fundou uma classe de estudos bíblicos em Pittsburgh, que seis anos depois o elegeu seu “pastor”. Segundo dados fornecidos pelo Anuário das Testemunhas de Jeová, em janeiro de 1991, a Sociedade (fundada em 1896), que é o ponto central da organização, tem trabalhos estabelecidos em mais de 212 países, e obra missionária com pregação do reino em mais de 250.

Russell continuou a divulgar seus ensinamentos até sua morte, que se deu em 31 de outubro de 1916, durante uma viagem de trem. O “pastor” foi alvo de inúmeros processos jurídicos, mas nem por isso deixou de obter sucesso no que fez.

Após a morte de Russell, o juiz Rutherford, que fora eleito presidente da Sociedade Torre de Vigia, compreendeu os perigos que a seita corria se permanecesse com o nome de “Russelismo”, e durante quinze anos esforçou-se para encobrir os aspectos desagradáveis do passado do “pastor”, que muito prejudicavam o avanço da organização. Em 1931, ele conseguiu implantar o nome “Testemunhas de Jeová”, tirado de Isaías 43:10. Assim pôde camuflar as indesejáveis origens da seita e enganar milhões de pessoas. Os seguidores da seita que entraram para o movimento mais recentemente, negam publicamente e em particular que sejam russelistas. Entretanto, as semelhanças entre os dois sistemas não é mera coincidência nem é acidental, apesar dos autos protestos das testemunhas em sentido contrário. Os fatos falam por si mesmos.

Algumas Doutrinas das Testemunhas de Jeová

I. Existe apenas um único ser que vive desde a eternidade, Deus Jeová, Criador e Preservador do Universo e de todas as coisas visíveis e invisíveis.

II. O Verbo, ou Logos, é “um Deus”, um poderoso Deus, o “princípio da criação” de Jeová, que atuou como agente dele na criação de todas as coisas. O verbo se fez carne, na pessoa de Jesus, e sofreu a morte para constituir o resgate ou o preço a ser pago pela redenção daqueles que obedeceram.

III. A Bíblia é a Palavra de Deus, inerrante, infalível e por ele inspirada, na forma como foi revelada originalmente, e foi por ele preservada para ser o meio pelo

qual ele revela ao homem seus propósitos.

IV. Satanás foi um anjo muito importante, que se rebelou contra Jeová, e questionou sua soberania. Por intermédio dele, sobreviveram ao homem o pecado e a morte. O destino dele será a aniquilação total, juntamente com seus seguidores.

V. O homem foi criado à imagem de Jeová, mas pecou voluntariamente, por isso todos os homens nascem pecadores, e portanto são “da terra”. Aqueles que seguem Jesus Cristo e são fiéis até a morte herdarão com ele o reino celestial. As pessoas de boa vontade que aceitam Jeová e seu governo teocrático desfrutarão da “nova terra”. Todos os que rejeitam Jeová serão aniquilados.

VI. A expiação é um resgate pago por Jesus Cristo a Jeová Deus e pode ser aplicado a todos que o aceitam em retidão. Em suma, a morte de Jesus removeu os efeitos que o pecado de Adão teve sobre seus descendentes e estabeleceu os fundamentos do Novo Mundo de justiça, que inclui o milênio do reinado de Cristo.

VII. Depois de oferecer o resgate por aqueles que obedecerem, o homem Jesus Cristo ressuscitou, tornando-se uma criatura espiritual divina.

VIII. A alma do homem não é eterna, é mortal. Pode morrer. Os animais também possuem alma, mas o homem acha-se acima deles por ser uma criatura especial.

IX. O inferno, ou seja, esse lugar de “tormento e chamas” onde os pecadores permaneceriam após a morte até o dia da ressurreição não existe. É uma doutrina criada pela “religião organizada”, e não vem da Bíblia. O inferno é o sepulcro de todos os seres humanos. A forma original do hebraico, seol, significa “um lugar de descanso em esperança”, onde os que partem ficam dormindo até serem ressuscitados por Deus Jeová.

X. O castigo eterno é um castigo ou punição que não tem fim. Mas não quer dizer “tormento eterno” para a alma dos seres vivos. O destino de todos os que rejeitam Deus Jeová é a aniquilação, ou segunda morte, que é eterna.

XI. Jesus Cristo voltou à terra em 1914, expulsou Satanás do céu, e está atuando no sentido de derrubar a organização dele, para estabelecer o reino Teocrático Milenial, e vindicar o nome de Jeová Deus. Mas não voltou em forma física, acha-se aqui invisível, como o Logos.

XII. O reino de Jeová é supremo e como tal não se compatibiliza com o atual governo humano (a organização diabólica visível); e qualquer forma de associação com ele que fira a lealdade devida a Deus constitui uma transgressão das Escrituras.

XIII. Somente 144.000 são capazes de entrar no Reino dos Céus, segundo Apocalipse, e estes se tornarão parte do Reino e se colocarão sobre o monte Sião.

Essa, então, é a doutrina das Testemunhas de Jeová, seita criada por Russell, que não querendo buscar o ensino da Palavra de Deus e sem a necessária formação acadêmica, aplicou seu talento em um estudo isolado e inútil, sem a orientação do Espírito Santo. Com isso fundou uma seita que congrega pessoas resolutas, convencidas de que o Reino de Deus já está “presente” no mundo, e incisivamente tentam convencer a outros, crendo que elas, as Testemunhas de Jeová, são os únicos e verdadeiros servos do Deus vivo.

EXERCÍCIO 3

1. ____ Joseph Smith Jr. , “o profeta” foi quem fundou o mormonismo.
2. ____ Os mórmons constituem uma grande força política.
3. ____ Os mórmons dizem que Cristo foi à América (EUA), revelou-se aos nefitas e pregou o Evangelho para eles.
4. ____ Joseph Smith declarou que todas as denominações cristãs estão erradas.
5. ____ O fundador da seita “Testemunhas de Jeová” foi Charles Russel.
6. ____ Os “Testemunhas de Jeová” acreditam que o inferno não existe.
7. ____ Eles acreditam que os animais possuem alma.
8. ____ E que somente 144.000 serão capazes de entrar no Reino dos Céus.

Seitas e Heresias



CAPÍTULO 4



**A Seita e a Religião de
Maior Expansão
Atualmente**

O Espiritismo e o Islamismo

O ESPIRITISMO

O espiritismo, em suas variadas formas, é inegavelmente uma das crenças religiosas mais populares do nosso tempo. Abrange desde crenças tão antigas como a transmigração das almas, do hinduísmo, com sua lei do carma, até os modernos fenômenos espíritas que tiveram início em meados do século XIX.

Breve História do Espiritismo

A crença na transmigração das almas apareceu na literatura Hindu por volta do século VII a.C., embora sua origem possa ser muito mais remota. Os Upanixades, hinos védicos hinduístas, manifestam claramente essa crença. O filósofo grego Pitágoras, que viveu no século VI a.C., advogava a transmigração das almas, como um meio para se alcançar a purificação total. Entretanto, quanto à afirmação de Alan Kardec, em O Livro dos Espíritos de que o espiritismo remonta à “origem dos tempos”, convém ter em mente que a antiguidade de uma idéia não é prova de que ela seja verdadeira e nem que tenha origem divina.

O espiritismo moderno surgiu em Hudesville, nos Estados Unidos, com as irmãs Margaret e Kate Fox. As duas eram ainda crianças quando em 31 de março de 1848, aconteceram as primeiras manifestações espíritas. Começaram a ouvir pancadas na casa da família Fox e depois móveis passaram a mover de uma parte para outra. Kate, então, teve a idéia de comunicar-se com o poder invisível que produzia os ruídos, pedindo-lhe que repetisse o estalido de seus dedos. O pedido foi atendido: cada estalido era respondido com breves pancadas. Kate e sua irmã Margaret desenvolveram um sistema de comunicação com o suposto espírito, que respondia a suas perguntas mediante um código previamente estabelecido.

Esses fatos foram amplamente divulgados e, pouco depois, sessões espíritas foram realizadas por toda a parte, nos Estados Unidos e na Inglaterra. As irmãs Fox passaram à História como as fundadoras do espiritismo moderno. Boaventura Klopburg relata que o Congresso Internacional de Espiritismo de 1925 aprovou a proposta de erigir um monumento comemorativo em Hudesville, que foi construído dois anos mais tarde com a seguinte inscrição: “Erigido a quatro de dezembro de 1927 pelos espíritas de todo o mundo, em comemoração da revelação do Espiritismo moderno em Hudesville, N.Y., a 31 de março de 1848, em homenagem à mediunidade, base de todas as demonstrações sobre que se apóia o Espiritismo. A morte não existe. Não há mortos”.

A divisão do Espiritismo

Embora consideremos o Espiritismo iníquo em toda a sua maneira de ser, os próprios espíritas preferem admitir diferentes formas de Espiritismo. Assim sendo, fornecemos abaixo a sua divisão:

I. Espiritismo Comum, destacamos:

- Quiromancia. Adivinhação pelo exame das linhas da palma da mão. O mesmo que quiroscopia.
- Cartomancia. Adivinhação pela decifração de combinações de cartas de jogar.
- Grafologia. Estudos dos elementos normais e principalmente patológicos de uma personalidade, feito através da análise da sua escrita.
- Hidromancia. Arte de adivinhar por meio da água.
- Astrologia. Estudo e/ou conhecimento da influência dos astros, especialmente dos signos, no destino e no comportamento dos homens; também conhecido como “uranoscopia”.

II. Baixo Espiritismo ou Espiritismo Pagão:

- Vodú. Culto de negros antilhanos, de origem animista, e que lança mão de certos elementos do ritual católico. Praticado principalmente no Haiti.
- Candomblé. Religião dos negros ioruba, praticado principalmente na Bahia.
- Umbanda. Designação dos cultos afro-brasileiros, que se confundem com os da macumba e dos candomblés da Bahia, xangô de Pernambuco, pajelança da Amazônia, do catimbó e outros cultos espíritas sincréticos.
- Quimbanda. Ritual da macumba que se confunde com o da umbanda, tendo ambas diferentes objetivos maléficis.
- Macumba. Sincretismo religioso afro-brasileiro, derivado do candomblé, com elementos de várias religiões pagãs africanas, de religiões indígenas brasileiras

e do Catolicismo.

III. Espiritismo Científico:

É também conhecido como Alto Espiritismo, Espiritismo Ortodoxo, Espiritismo Profissional. Ele se manifesta, inclusive, como sociedades, como, por exemplo, a LBV (Legião da Boa Vontade).

- Ecletismo. Método filosófico dos que não seguem sistema algum, escolhendo de cada sistema a parte que lhes parece mais próxima da verdade.

- Esoterismo. Doutrina ou atitude de espírito que preconiza que o ensinamento da verdade deve reservar-se a um número restrito de iniciados, escolhidos por sua inteligência ou valor moral.

- Teosofismo. Conjunto de doutrinas religioso-filosóficas que tem por objetivo a união do homem com a divindade, mediante a elevação progressiva do espírito até à iluminação.

IV. Espiritismo Kardecista.

Os principais grupos religiosos ligados diretamente ao espiritismo no Brasil são classificados em duas grandes categorias – de origem kardecista, incluindo a Federação Espírita Brasileira – e o baixo espiritismo, nome genérico dado aos cultos religiosos de origem africana que, chegando ao Brasil, incorporaram, com o passar do tempo elementos do kardecismo e do catolicismo popular, sendo por isso também designados como cultos afro-brasileiros, entre os quais se incluem a umbanda, o candomblé e outros.

Para fins de maior clareza, dividiremos a análise do espiritismo em três partes: à primeira, será dedicada ao kardecismo, por ser sua doutrina encontrada em todas as outras formas de espiritismo; à segunda, chamaremos de cultos afro-brasileiros, que tratará do baixo espiritismo; e à terceira, a Sociedade Teosófica ou Teosofismo, que fala sobre o espiritismo científico.

KARDECISMO (ALLAN KARDEC)

A primeira sessão espírita registrada nos anais do Espiritismo brasileiro foi realizada na noite de 17 de setembro de 1865, em Salvador, na Bahia. No Rio de Janeiro, o primeiro movimento organizado surgiu em 2 de agosto de 1873 e era chamado Sociedade de Estudos Espíritos do Grupo Confúcio. Dois anos depois, esse núcleo espírita lançou a *Revista Espírita* e providenciou a tradução de várias obras fundamentais de Allan Kardec. Mais tarde, devido a divisões internas, surgiram outros núcleos espíritas. Em 1883 foi fundada a *Revista Reformador*, que se tornou o órgão oficial da Fe-

deração Espírita Brasileira, organizada no ano seguinte. A partir de então, multiplicaram-se os núcleos, grupos e centros espíritas, levando à formação de federações de âmbito estadual. O nome mais conhecido do Espiritismo kardecista no Brasil, hoje, é o do médium Francisco Cândido Xavier.

História

Hyppolyte Leon Rivail nasceu em Lyon, na França, em 3 de outubro de 1804. Anos depois, mudou-se para Yverdon, na Suíça, onde estudou com Pestalozzi, de quem se tornou fiel discípulo e cujo sistema educacional ajudou a propagar. Rivail formou-se em letras e ciências e doutorou-se em medicina.

Em 1854, um magnetizador chamado Fortier, amigo de Rivail, falou-lhe do fenômeno das mesas gigantes. Mais tarde, o mesmo Fortier disse-lhe também que era possível conseguir-se que mesas falassem (de modo semelhante ao que aconteceria na casa das irmãs Fox). Rivail rejeitou peremptoriamente a idéia por considerá-la absurda. No ano seguinte, entretanto, após a explicação de um amigo chamado Carlotti, que afirmava ser o fenômeno das mesas girantes e falantes um resultado da intervenção dos espíritos, Rivail assistiu a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison, onde presenciou fenômenos que o impressionaram profundamente. Aceitando a teoria da intervenção de espíritos naqueles fenômenos, Rivail passou a frequentar uma casa onde eram realizadas sessões de mediunidade. Observador atento, procurou dar um cunho científico ao estudo das novas revelações.

No dia 25 de março de 1856, numa sessão, Rivail recebeu, através de um médium, a revelação de que certo espírito seria dali por diante o seu guia espiritual. Esse espírito identificou-se como “A Verdade”. Mais tarde, foi-lhe revelada a sua missão de divulgar a nova religião, “verdadeira, grande, bela e digna do Criador”. Rivail veio a saber depois que o espírito “A Verdade” era o próprio Espírito Santo, o Espírito da Verdade que Jesus prometera enviar. Em consonância com a crença na reencarnação dos espíritos, Rivail adotou o pseudônimo de Allan Kardec, que teria sido o seu suposto nome numa encarnação anterior, na qual acreditava ter sido um druida. Kardec faleceu em 31 de março de 1869, devido à ruptura de um aneurisma.

A crença do Espiritismo/Kardecismo

O Espiritismo reivindica ser uma religião. E mais, reivindica ser a verdadeira religião, superior a todas as outras. Assim, mesmo que alguns de seus adeptos aleguem que o Espiritismo é uma ciência ou filosofia, as autoridades espíritas são concordes em afirmar a sua natureza religiosa. Alega ser a verdadeira religião de Cristo, “a revivescência do vero Cristianismo”, ou, conforme a revelação dos espíritos, “a única tradição verdadeiramente cristã”. O Cristianismo tem suas bases histórias e doutrinárias na Bíblia; portanto, qualquer seita, grupo religioso ou crença que ale-

que ser cristã deve ter seus ensinamentos confrontados com a Palavra de Deus para se verificar a veracidade dos mesmos e, se de fato, podem ser chamados cristãos.

Allan Kardec arroga ao Espiritismo a condição de ser a terceira revelação de Deus, que vem complementar a revelação iniciada com o Antigo Testamento, por meio de Moisés, e com o Novo Testamento, por meio de Jesus: “A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento está personificada em Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não personificada em nenhum indivíduo porque ele é o produto de ensinamento dado, não por um homem, mas pelos espíritos, que são as vozes dos céus, sobre todos os pontos da terra, e por uma multidão inumerável de intermediários...”

Em outro trecho, Allan Kardec afirma que “o Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa”. O Cristianismo ortodoxo e histórico se fundamenta na Bíblia, a revelação de Deus aos homens; logo, se o Espiritismo de fato ensina as mesmas doutrinas que o Cristianismo, não haverá melhor forma de conferir a veracidade dessa afirmação senão por um confronto entre o que diz o Espiritismo e o que ensina a Bíblia.

É evidente também que se o Espiritismo é uma revelação que procede de Deus, então ela deve confirmar as duas revelações anteriores e não contradizê-las. Entretanto, quando comparadas, verifica-se que o Espiritismo ensina o oposto do Cristianismo. Além disso, o Espiritismo também nega a inspiração divina e a infalibilidade da Bíblia.

O Kardecismo nega a criação de Deus descrita no primeiro capítulo de Gênesis; acredita no evolucionismo, sendo o homem o ser mais elevado da escala evolucionista. Por isso, admite que o registro bíblico não deve ser tomado literalmente, mas apenas em sentido figurado. Jesus, entretanto, confirmou o relato bíblico como autêntico, ao ensinar em Mateus 19:4-6 que o homem foi criado diretamente por Deus.

Assim, através de suas maiores autoridades, nega a revelação divina encontrada nas Escrituras, relegando-as ao nível de uma mera compilação de fatos históricos e lendários. É curioso, entretanto, que querendo dizer-se cristão, o espiritismo frequentemente lance mão das Escrituras, citando-as com profusão quando lhe convém.

Isso significa que para os espíritas não faz diferença se a Bíblia é ou não a Palavra de Deus – desde que possam usá-la quando desejam dar à sua crença uma aparência cristã, ou seja, citando passagens isoladas quando parecem dar apoio às teorias espíritas. Quando, porém, o ensino das Escrituras refuta as suas teorias, dizem então que elas não são a Palavra de Deus pela qual devemos testar o que cremos.

Fica claro, portanto, que o Kardecismo, ao mesmo tempo em que alega ser cristão, nega a Palavra de Deus, a base do verdadeiro Cristianismo. Aliás, é notório que seus próprios expositores e defensores ora apelam para a Bíblia em busca de apoio, ora negam firmemente que ela tenha qualquer valor para a sua fé.

Doutrinas Kardecismo/Espiritismo

Reencarnação e a invocação de mortos são as duas principais estacas de sustentação de toda a fraude espírita. Se ambas forem removidas, o Espiritismo ruirá irremediavelmente. Outras crenças são: (1) A de que ninguém pode impedir o homem de sofrer as conseqüências dos seus atos; (2) A pluralidade dos mundos habitados; (3) A caridade como virtude única, aplicada tanto aos vivos como aos mortos; (4) E perto dos homens estão os espíritos “guias”. Vejamos outras:

1. Sobre Deus: A doutrina espírita acerca de Deus é ambígua, ora assumindo aspectos deístas, ora aspectos panteístas, ora confundindo-se com a doutrina de Deus do Cristianismo histórico. Os autores espíritas parecem não conseguir estabelecer um consenso sobre esse assunto de vital importância. Até mesmo nas obras de um único autor encontram-se contradições flagrantes. Mas, na sua maioria acredita em um Deus, que embora exista, é um ser impessoal habitando um mundo longínquo.

2. Sobre a Trindade: A doutrina da Trindade é uma das teses básicas do Cristianismo bíblico e histórico e faz parte do fundamento doutrinário que o distingue de todas as demais religiões e também da maioria das seitas pseudocristãs. Estas seitas, em sua tentativa de oferecer ao homem um sistema religioso de auto-salvação, isto é, em que ele se salva por seus próprios méritos, excluem e negam a existência do Deus trino. Entretanto, a revelação bíblica aponta para a impossibilidade de o homem efetuar sua própria salvação e mostra como o próprio Deus se encarnou para tornar possível ao homem o acesso ao seu Criador. O espiritismo em geral nega a doutrina da Trindade. Kardec evita comentar esse assunto, mas grande parte dos escritores espíritas assume uma posição frontalmente contrária à crença na Trindade. Para eles, Deus é um ser existindo em forma de uma só pessoa, o Pai, e negam que o Filho seja Deus e até rejeitam a existência do Espírito Santo como ser pessoal.

3. Sobre a Divindade de Cristo. Este assunto acha-se intrinsecamente ligado ao da Trindade, porém será analisado em separado por ser um dos mais proeminentes temas da Bíblia e também por ocupar um lugar importante nos escritos espíritas. A divindade de Cristo é negada pelas autoridades exponenciais do Espiritismo. Isso se dá em função de sua crença na unicidade de Deus. O problema surge quando o próprio Kardek se contradiz, ora afirmando uma coisa, ora outra. Aparentemente, ele reconhece como fidedignos os escritos dos evangelistas, pois estes “receberam diretamente do Mestre as instruções”, embora despreze o restante do Novo Testamento. Porém, põe em dúvida a autenticidade até mesmo do que os evangelistas disseram, como se vê no seguinte comentário seu a respeito de João 1. 1-14, um texto que declara explicitamente a natureza divina de Jesus: “É de notar-se, antes de tudo, que as palavras acima citadas são de João e não de Jesus e que, ainda quando se admita

que não tenham sido alteradas, elas não exprimem, na realidade, mais que uma opinião pessoal, uma indução, em que se depara com o misticismo habitual da sua linguagem; não poderiam, pois, prevalecer contra as reiteradas afirmações do próprio Jesus”.

Kardec traduz várias referências dos Evangelhos que parecem demonstrar que Jesus não era mais do que mero homem e afirma que ele era Filho de Deus no mesmo sentido em que qualquer homem poderia ser chamado de “filho de Deus”. Não se deve esquecer que tanto Kardec como outros líderes espíritas negam a inspiração divina das Escrituras, citando-as apenas quando querem provar algum ponto de seu interesse.

A Federação Espírita Brasileira aceita a cristologia de Jean-Baptista Roustaing, também francês, autor de *Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação*, em que defende a tese de que o corpo de Jesus não era real, de carne e osso, mais fluídico, dando apenas a impressão de real. Sua posição é semelhante à dos antigos docetistas, uma seita gnóstica do século I a.C.

Embora nossa primeira preocupação seja com a questão da divindade de Jesus e não com a sua humanidade, cumpre esclarecer que a Bíblia afirma reiteradas vezes a plena humanidade do Filho de Deus. O apóstolo João condenou os ensinamentos dos gnósticos de sua época, que entre outras coisas negavam que Jesus tivesse vindo em carne, dizendo que seu corpo humano era mera aparência. O Senhor Jesus demonstrou a sua plena humanidade em diversas ocasiões, experimentando sentimentos e necessidades humanas não pecaminosas como cansaço (Jo 4:6), sede (Jo 19:28) e fome (Mt 4:2). Depois da ressurreição, ele apareceu aos discípulos que se haviam trancado em uma casa com medo dos judeus. Os seus discípulos, pensando tratar-se de um espírito ou fantasma, ficaram atemorizados. Jesus então, assegurou-lhes ser ele mesmo, dizendo: “*Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho*” (Lc 24:39).

4. Sobre os Milagres de Jesus. A negação da divindade de Jesus pelo Espiritismo é acompanhada pela subsequente negação de seus milagres e, mais sutilmente, pela negação da validade dos seus ensinamentos. Com uma linguagem engenhosa, Kardec procura enaltecer a Jesus, atribuindo-lhe a condição de “o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo”. Entretanto as escrituras demonstram claramente que Jesus é muito mais que um modelo moral – ele é Deus e homem ao mesmo tempo, e é o Salvador que deu sua vida para a redenção da humanidade.

Depois de exaltar a Jesus como modelo de perfeição, Kardec se volta, então, contra Jesus, contestando sutilmente a autoridade de seus ensinamentos. Ele formula a seguinte pergunta: “Uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensino que os espíritos dão? Terão que nos ensinar mais alguma coisa?” E esta é a res-

posta que ele coloca na boca dos espíritos. “Jesus empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e os lugares. Faz-se mister agora que a verdade se torne inteligível para todo mundo. Muito necessário é que aquelas leis sejam explicadas e desenvolvidas, tão poucos são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. A nossa missão consiste em abrir os olhos e os ouvidos a todos, confundindo os orgulhosos e desmascarando os hipócritas: os que vestem a capa da virtude e da religião, a fim de ocultarem suas torpezas. O ensino dos espíritos tem que ser claro e sem equívocos, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão”.

Portanto, a asserção de Kardec, supostamente dada pelos espíritos, de que “muito necessário é que aquelas leis (de Jesus) sejam explicadas e desenvolvidas” fica desprovida de sentido, uma vez que tais “leis” se encontram perfeitamente desenvolvidas nas Escrituras e se desejarmos entendê-las basta apenas que as estudemos, “conferindo cousas espirituais com cousas espirituais”. O próprio Senhor Jesus enfatizou a necessidade de tal estudo para podermos compreender suas palavras, dizendo: *“Examinai as Escrituras, porque julgai ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim”* (Jo 5:39).

OS CULTOS AFRO-BRASILEIROS

O Brasil é considerado hoje o maior país espírita do mundo, com cerca de 5.500 centros espíritas espalhados pelo território nacional. O número de terreiros ligados aos cultos afros é ainda muito maior.

A origem cultos afros

Os cultos afro-brasileiros tiveram a sua origem no Brasil com a chegada dos africanos. Com a colonização do Brasil após a sua descoberta no ano de 1500, faltaram braços para a lavoura. Com isso, os proprietários da terra tentaram subjugar o índio pensando empregá-lo no trabalho agrícola. Entretanto, o índio não se deixou subjugar, o que levou os colonizadores a voltarem-se para a África em busca de mão-de-obra para a lavoura. Começa assim um período vergonhoso da História do Brasil. O sofrimento dessa gente é descrito pelo poeta Castro Alves em suas poesias “Navio Negreiro” e “Vozes d’África”.

Era muito cruel o tratamento imposto aos escravos desde o momento da partilha da África e durante a viagem nos navios chamados “tumbeiros”, que podia se

estender a cerca de dois meses. Os maus tratos continuariam depois, para a maioria deles até a morte.

Os africanos chegaram divididos em dois grupos principais: sudaneses (os da Guiné e da Costa da Mina) e os bantos (Angola e Moçambique). Os da Costa da Mina desembarcavam na Bahia, enquanto que os demais eram levados para São Luís do Maranhão, Bahia, Recife e Rio de Janeiro, de onde se espalhavam para outras regiões do Brasil, como litoral do Pará, Alagoas, Minas Gerais e São Paulo. Chegando em solo brasileiro o africano trazia consigo, além de sua religião e de seus deuses, uma vasta riqueza cultural expressa na música, na comida, nas artes e nos costumes. O vínculo familiar era quebrado devido à distribuição dos escravos, para as diversas regiões de trabalho. Isso também gerou uma diversidade nas religiões africanas.

O Panteão Africano

Os orixás são divindades intermediárias entre Olórun (o deus supremo) e os homens. Muitos deles são antigos reis, rainhas ou heróis divinizados, os quais representam as vibrações das forças elementares da natureza – raios, trovões, ventos, tempestades, água, fenômenos naturais, como o arco-íris – atividades econômicas primordiais do homem primitivo – caça, agricultura – os minerais, como o ferro, que serviu tanto a essas atividades de sobrevivência como às de extermínio – a guerra – e ainda as grandes ceifadoras de vidas, as doenças epidêmicas, como a varíola etc.

Vejamos alguns dos orixás mais importantes:

Exu: é um orixá de múltiplos e contraditórios aspectos. Gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, de tal maneira que os primeiros missionários o compararam ao diabo da teologia. Pode revelar o seu lado bom, se for tratado com consideração. Se não lhes forem feitos sacrifícios e oferendas, as catástrofes aparecem. Seu dia é a segunda-feira e suas cores são o preto e o vermelho.

Ogum: terrível guerreiro que brigava sem cessar contra os reinos vizinhos. Como orixá, é o deus do ferro, dos ferreiros e de todos aqueles que utilizam esse metal. As pessoas consagradas a Ogum usam colares de contas de vidro azul-escuro e, algumas vezes, verde. O seu dia da semana é terça-feira. Seu nome é sempre mencionado por ocasião de sacrifícios dedicados aos diversos orixás no momento em que a cabeça do animal é decepada com uma faca – da qual ele é o senhor. Quando Ogum se manifesta no corpo em transe de seus iniciados, dança com ar marcial, agitando sua espada.

Oxossi: o deus dos caçadores teria sido o irmão caçula ou filho de Ogum. Protege os caçadores, dando-lhes caça abundante. Seus iniciados usam colares de contas azul-esverdeadas e seu dia é a quinta-feira.

Ossain: é a divindade das plantas medicinais e litúrgicas. Nenhuma cerimônia pode ser feita sem a sua presença, pois ele é o detentor do axé (o poder), imprescindível até aos próprios deuses. Seus seguidores usam colares de contas verdes e brancas e seu dia da semana é o sábado.

Xangô é viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos e malfeitores. O raio é considerado um de seus instrumentos de punição. O carneiro, cuja chifrada tem a rapidez do raio, é o animal que lhe sacrificam. Seus fiéis usam colares de contas vermelhas e brancas, e quarta-feira é o seu dia.

Oiá-Iansã: é a divindade dos ventos e das tempestades. Foi a primeira mulher de Xangô e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Os fiéis de Iansã, seu nome mais conhecido no Brasil, usam colares de conta de vidro grená. A exemplo de Xangô, a quarta-feira é o seu dia. Ela se manifesta através de seus iniciados, usando uma coroa semelhante à dos reis africanos, cujas franjas de contas escondem o seu rosto; suas danças são guerreiras. Recebe sacrifícios de cobras e oferendas de acarajés.

Oxum: é a divindade do rio de mesmo nome que corre na Nigéria. Era, segundo dizem, a segunda mulher de Xangô. As mulheres que querem ter filhos dirigem-se a Oxum, pois ela controla a fecundidade. Seus adeptos usam colares de contas de vidro de cor amarelo-ouro e numerosos braceletes de latão. O seu dia é o sábado e recebe sacrifícios de cabras.

Oxumar: é a serpente arco-íris, a mobilidade, a atividade e dirige as forças que produzem o movimento. Oxumaré é, ao mesmo tempo, macho e fêmea. Essa dupla natureza aparece nas cores vermelha e azul que cercam o arco-íris. As pessoas de Oxumaré usam colares de contas de vidro amarelas e verdes, e seu dia é a terça-feira. As oferendas são de pratos de comida onde se misturam feijão, milho e camarões cozidos no azeite-de-dendê.

Obaluaê ou Omulu: deus da varíola e das doenças contagiosas. Seus iniciados dançam inteiramente revestidos de palha da costa, curvados para frente, como que atormentados por dores, coceiras e febre. São-lhe oferecidos milhos cozido, carne de bode, galos e pipocas. Seus adeptos usam colares de contas marrons com listas pretas e seu dia é a segunda-feira.

Oxalá: O “Grande Orixá” ou “O Rei do Pano Branco” é o mais importante e o mais elevado dos deuses iorubás, de caráter obstinado e independente. Foi o primeiro a ser criado por Olodumaré, o deus supremo. Seus iniciados usam colares de contas brancas, vestem-se de branco e seu dia é a sexta-feira. No candomblé, mesmo os adeptos de outros orixás se vestem de branco na sexta-feira, tal é o prestígio de Oxalá.

Iemanjá: seu nome indica “mãe cujos filhos são peixes” e é representada com seios volumosos, símbolo da maternidade fecunda e nutritiva. O fato de possuir seios mais que majestosos – ou somente um deles, segundo outra lenda – foi a causa de desentendimentos com seu marido. Seus iniciados usam colares de contas de vidro transparentes e vestem-se de azul-claro. Iemanjá recebe sacrifícios de carneiros e oferendas de pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola. Iemanjá é o orixá das águas e do mar; o seu dia é o sábado. É uma divindade muito popular no Brasil e em Cuba. Iemanjá é festejada várias vezes no ano. A data tradicional de sua festa é oito de dezembro, mas há festas durante o mês todo, principalmente nos fins de semana. Entretanto, é por ocasião da última noite do ano que ela recebe grandes homenagens.

O Sincretismo

A presença dos africanos no Brasil logo provocaria o surgimento de um fenômeno conhecido como sincretismo religioso, que é a união dos opostos, um tipo de mistura de crenças e idéias divergentes. Os escravos não abririam mão de seus cultos e de seus deuses. Devido a um doutrinamento imposto pelo catolicismo romano, os africanos começaram a buscar na igreja, santos correspondentes aos seus orixás. Aqui estão alguns exemplos:

Exu – diabo

Ogum – São Jorge

Oxossi – São Sebastião

Ossain – São Benedito

Xangô – São Jerônimo

Iansã – Santa Bárbara

Oxum – Nossa senhora das Candeias

Oxumaré – São Bartolomeu

Omulu – São Lázaro

Oxalá – Senhor do Bonfim

Iemanjá – Nossa senhora da Imaculada Conceição

Além dessas, ainda há outras entidades presentes nos cultos afro-brasileiros que representam o espírito de pessoas falecidas: caboclos, (espíritos de índios), pretos-velhos (espíritos de escravos africanos), Erê ou Ibêji (espírito infantil), além de marinheiros, boiadeiros, ciganos etc.

Quando alguém passa a estudar os cultos afros, uma das coisas que observa é a impossibilidade de se fazer uma análise objetiva sobre a origem ou a atuação dos

orixás, devido a tantas informações divergentes e contraditórias. Existem muitas lendas que tentam explicar o surgimento dos deuses africanos e as informações variam muito de um terreiro para o outro. Os próprios adeptos dos orixás admitem isso.

No culto afro, um pai-de-santo diz uma coisa e outro diz outra coisa, com base numa informação que lhes foi passada oralmente. Felizmente, a fé cristã conta com a Bíblia Sagrada, uma obra de referência de todo confiável.

O relacionamento com Deus

Devemos considerar também a posição dos orixás no culto afro, onde eles desenvolvem o papel de mediadores entre o Deus supremo e os homens. Não pode ser esquecido também que os filhos-de-santo, uma vez comprometidos com os orixás, vão ver em constante medo de suas represálias ou punições. Além do constante medo de punições em que vive o devoto do orixá, ele deve ainda submeter-se a rituais e sacrifícios nada agradáveis a fim de satisfazer os deuses.

O sacrifício aceitável

Um outro aspecto muito importante no culto afro é o significado do “ebó”: “oferenda ou sacrifício animal feito a qualquer orixá, no sentido primitivo. Algumas vezes as oferendas são colocadas ao ar livre... Termo mais comumente empregado para oferenda especial a Exu, pedindo o bem ou o mal de alguém, ou agradecendo, colocadas em encruzilhada, sendo vulgarmente chamada “despacho”. Oferenda com finalidades maléficas, feitiçaria”. (Olga Cacciafore – Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros).

Para justificar a matança de animais oferecidos aos orixás, os adeptos do culto afro não hesitam em mencionar os sacrifícios de animais nas Escrituras Sagradas: “Somos tão cristãos quanto os católicos. Mas seguimos também a lei de Moisés. Ele ordenou que os sacrifícios fossem feitos com carneiros, cabras, bois, galinhas, pombos e assim por diante. Não é verdade? Nós apenas obedecemos a seus mandamentos” (Donald Pierson – Brancos e Pretos na Bahia).

Com relação à morte

Ao dialogar com os adeptos do culto afro ou ler suas publicações, percebe-se que os orixás têm medo da morte. Quando um filho-de-santo está próximo da morte, o seu orixá praticamente o abandona. Essa pessoa não entra mais em transe, pois o orixá procura evitá-la. Quanto ao assunto salvação e vida após a morte, no culto afro não é bem definido e às vezes é até confuso. Aqui também as informações são conflitantes, variando de um terreiro para o outro ou de um pai-de-santo para o outro. Na umbanda, devido à influência kardecista, ensina-se a reencarnação. Já o candomblé parece não oferecer qualquer esperança de vida após a morte.

Com relação à liberdade

Sem dúvida muitas pessoas hesitam em abandonar os terreiros, pois foi-lhes dito que se o fizerem sofrerão conseqüências desastrosas. Mas qualquer pessoa que quiser desvencilhar-se do jugo dos orixás para encontrar a liberdade espiritual e uma ova vida em Cristo poderá fazê-lo sem qualquer temor, pois a Palavra de Deus afirma: *“Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo”* (I Jo 3:8). O próprio Jesus disse: *“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Se, pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”* (Jo 8:32,36)

SOCIEDADE TEOSÓFICA

Podemos definir a Teosofia como uma apresentação panteísta (Deus é o conjunto de todos os seres) do velho gnosticismo, que procura reunir verdades filosóficas, científicas e religiosas encontradas em todas as fontes filosóficas e religiosas. Pelo que dizem os teosofistas, a Sociedade Teosófica “é um crescente sistema de pensamento, resultante de cuidadosos estudos e pesquisas”, e mais, “é nada menos que o alicerce sobre o qual se assentam todas as fases do pensamento e da atividade humana”.

A Teosofia contraria praticamente todas as doutrinas básicas da fé cristã. Também não encontra apoio no Judaísmo. Tem algumas analogias com o Budismo e o Hinduísmo. Tanto o Cristianismo como o Judaísmo e o Islamismo, todos confessam crer num Deus pessoal, na ressurreição corporal e na autoridade das escrituras do Antigo Testamento. A Teosofia rejeita todas essas doutrinas e, no entanto, continua a apresentar-se como “a religião unificadora e conciliadora”.

É interessante observar que a Teosofia revela grande admiração pelo Gnosticismo, uma seita antiga, que se desenvolveu nos três primeiros séculos da era cristã e quase conseguiu causar danos irreparáveis à fé cristã. Eles adotaram grande parte da terminologia e do vocabulário que desprezavam o aspecto material do mundo e do homem, falavam de um Deus impessoal, e de vários planos de progressão espiritual que culminavam com a salvação e reconciliação universais por meio da reencarnação e adotavam o conceito da vida como uma roda, que sem o menor constrangimento copiaram do Budismo.

Origem histórica

Foi uma mulher que fundou essa moderna versão das filosofias hindu e budista, conhecida em nossa era como Sociedade Teosófica. Até onde sabem os mais renovados estudiosos do assunto, o termo “Teosofia” surgiu no terceiro século, com um notável pensador da época, Amônio Sacca, que foi mestre de Plotino, o grande filósofo romano. Portanto, a Teosofia já é bem antiga, e remonta ao Oriente, mais precisamen-

te à Índia. Os livros sagrados do Hinduísmo, constituem a base para grande parte de suas doutrinas. Outros escritos que influenciaram fortemente a formação da Teosofia foram os de Gautama Buda e dos primeiros escritores gnósticos. A Teosofia alega ser uma religião universal, com natureza própria. Mas um estudo atento de sua eclética origem revela que grande parte de sua “teologia original” provém de fontes facilmente identificáveis.

A história da Teosofia moderna na América tem início com as atividades de uma jovem senhora russa, de fortes inclinações místicas, Madame Helena Blavatsky, no ano de 1875, em Nova Iorque.

Helena Petrovna nasceu em Ekaterinoslav, na Rússia, em 1831. Era filha de Pedro Hahn, da família Von Hahn, da Alemanha. Ainda bem jovem, com a idade de dezessete anos, Helena Petrovna casou-se com um general czarista de nome Blavatsky, homem nobre de grande cultura, mas vários anos mais velho do que ela. É do conhecimento geral que Helena era pessoa de gênio violento e exaltado. Pelo menos um de seus biógrafos afirma que ela se casou com o General Blavatsky apenas para “espicaçar” sua governanta, mulher de língua ferina, que num momento de raiva havia dito que nem aquele velho cavalheiro se casaria com uma megera como Helena. Diga-se em favor da jovem que logo se arrependeu da sua vingança contra a governanta, mas a essa altura já havia enredado o general, e foi obrigada a concordar com o casamento.

Pouco depois de separar-se do marido, Helena passou a fazer longas viagens, o que eventualmente propiciou-lhe um contato com religiões místicas. Entregou-se então ao estudo dessas crenças no Tibete, Índia, Egito, Cuba, Canadá, Texas, Louisiana, terminando por fim em Nova Iorque. Nessa cidade ficou tempo suficiente para fundar em 1875, a Sociedade Teosófica, juntamente com o Coronel H. S. Olcott e com W. Q. Judge, dois fervorosos devotos.

A Sra. Blavatsky tinha um alto apreço por Judge que assumiu a chefia da Sociedade Teosófica Ariana, da qual foi presidente até seu falecimento em 1896. Madame Blavatsky fundou também a Escola Teosófica de Londres em 1888. Durante suas viagens pela Índia e Inglaterra influenciou fortemente uma mulher de nome Annie Besant, que iria assumir as rédeas do movimento após a morte dela, de Judge e da sucessora deste, Catherine Tingley. A Sra Besant morreu em 1933 e a presidência da Sociedade passou às mãos de George Arundale e C. Jinara Jodosa.

A doutrina da Sociedade Teosófica

Pela doutrina teosófica, existem no universo sete planos distintos. O mais denso deles é o físico. O seguinte na ordem é o plano astral, e acima desse há o mental. Depois vêm quatro planos superiores de natureza espiritual. Mas esses ainda são

“meros nomes” que apenas os iniciados e adeptos podem conhecer. Naturalmente o homem possui um corpo físico, um mental e um astral. Mas no atual estágio da evolução cósmica, esses chamados corpos espirituais superiores, com algumas exceções, ainda estão aguardando organização.

Pelo que ensinam as publicações teosóficas, existe uma grande confraria de “mahatmas” ou “mestres” que constituem exemplos de reencarnações altamente desenvolvidas e que habitam um espaço nos extremos do distante Tibete. Esses seres divinos tomaram posse de Madame Blavatsky, e através dela procuraram alcançar as gerações que vivem atualmente sobre a terra, dando-lhes as grandes verdades das religiões do mundo, por ele restauradas, e que haviam sido corrompidas pela humanidade. A esse quadro extremamente imaginoso, os teosofistas acrescentam os sete planos de desenvolvimento pelos quais todo homem deve passar para chegar ao céu deles, o “*Devachan*”.

Ao contrário do que ensina o Cristianismo com relação à redenção e ao castigo dos pecados, a Teosofia só fala de perdão para os pecados com base em milhares e milhares de reencarnações, pelas quais o homem avança em direção ao “*Devahan*”. Quanto ao castigo pelo pecado ou rebelião do homem, eles só apresentam os terrores do “*Kâma-Loka*” (estado intermediário onde as almas mortas sofrem pelos pecados cometidos enquanto aguardam a reencarnação ou a oportunidade de passar a viver em um novo corpo).

A Sociedade Teosófica afirma que possui três objetivos básicos, que são os seguintes: Primeiro, formar um grupo fraternal da humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor. Segundo, estimular o estudo de religiões, filosofia e ciência comparadas. Terceiro, pesquisar as leis da natureza ainda desconhecidas, e os poderes latentes do homem.

Para que um indivíduo se torne afiliado da sociedade tem de concordar pelo menos com o primeiro deles; os outros dois são opcionais. A sociedade não possui dogmas nem credos, é totalmente assectária, e reúne em suas fileiras fiéis de todas as crenças e mesmo quem não tem crença nenhuma. A única exigência que faz a seus membros é a de que tenham para com as crenças de outros a mesma tolerância que desejam eles tenham para com a sua.

Mais algumas crenças da Teosofia:

1. Sobre Deus. A Teosofia vê Deus em termos estritamente impessoais, ao mesmo tempo em que afirma que o homem, num sentido espiritual, é parte de Deus. Ainda em consonância com essa posição, a Sra. Besant afirmou certa vez que “o homem é uma inteligência espiritual, um fragmento da divindade revestido de matéria”. Krishnamurti, o filho adotivo dela, também disse que todos nós somos parte de Deus e pre-

cisamos sondar-nos profundamente para encontrar no fundo de nosso ser o Deus que há em nós.

Com respeito à divindade de Cristo e a sua singular posição de Salvador do mundo, a Teosofia afirma que todos os homens por nascimento são divinos, e “portanto, com o tempo todos se tornam cristos”.

A Bíblia contém muitas passagens que refutam esses conceitos anticristãos sobre Deus e o Senhor Jesus. Ela apresenta de forma insofismável a personalidade de Deus e a divindade de Cristo bem como outras verdades que os teosofistas negam. O Deus da Bíblia criou o homem, e é uma Pessoa distinta e à parte dele (Gn 1.27). É uma personalidade consciente (Ex 3,14; Is 48,12; Jo 8,58). É um Deus trino; são três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito santo, mas numa só essência ou natureza (Dt 6.4; G1 3.20).

2. Sobre Jesus. A Teosofia comete um erro grave comum a todas as seitas gnósticas. Ela faz distinção entre Jesus e Cristo. Para ela, Jesus é apenas o homem exterior, e Cristo uma consciência divina imanente a ele e a todos os homens, em grau maior ou menor. Os teosofistas não vêem a Jesus como o Cristo da revelação divina, um ser distinto do Cristo imanente a todos os homens. Eles não entendem que o termo Cristo (no grego, Christos) é um título que corresponde ao vocábulo hebraico Messias.

3. Sobre o sacrifício de Jesus. Eles não somente se opõem ao verdadeiro ensino bíblico sobre a natureza e personalidade de Deus, e sobre a divindade de seu Filho, mas também nega veementemente o sacrifício vicário de Cristo por nossos pecados (I Jo 2.2). Em lugar dela, ensinam a inexorável lei do “*karma*” (*a soma do peso dos erros de cada um, que só pode ser expiado pelas boas ações que se pratica numa sucessão de outras vidas (reencarnação)*). Isso às vezes é chamado de “Lei de causa e efeito”. Annie Besant denominou-o “lei de causação... que constrange o homem... a largar mão de todas as suas idéias errôneas acerca de perdão, expiação vicária, misericórdia divina, bem como o restante do ópio que a superstição oferece ao pecador”. Então, pela aplicação da lei do “*karma*”, eles tranquilamente passam por cima da doutrina bíblica da expiação e negam ou ignoram a autoridade das Escrituras. Para os teosofistas, o amor redentor de um Deus pessoal revelado pelo sacrifício vicário de seu bem mais precioso, seu Filho Jesus Cristo, é totalmente desnecessário, e tampouco é o meio de salvação para a humanidade. Basta esse fato para que afastemos de nossa mente qualquer idéia sobre uma compatibilidade da Teosofia com o Cristianismo.

4. Sobre o pecado, a salvação e a oração. Em contraste com o ensino bíblico acerca do pecado, salvação e oração, a Teosofia iguala Deus às divindades pagãs

Buda e Vishnu, e define a oração como “concentração mental”. Além disso, eles crêem que um indivíduo só fica livre de seus pecados se sofrer no “Kâma-Loka”, “um plano semimaterial, subjetivo e invisível para nós, onde ficam as personalidades desencarnadas, as formas astrais... É o hades dos antigos gregos, o amenti dos egípcios, e a terra das sombras silenciosas...”. O homem só obtém a salvação através de várias reencarnações, terminando com a absorção do seu ego. Essas alternativas para a revelação bíblica não podem ser consideradas muito agradáveis, mas é o que a Teosofia tem para oferecer.

O sistema todo tem origem oriental. Sua doutrina é budista e hinduística, e seu vocabulário, gnóstico. De cristão, ele tem apenas sua terminologia chave, e o objetivo disso é imitar o conteúdo do evangelho. O teosofista orgulhosamente rejeita a expiação efetuada na cruz, preferindo confiar em sua própria justiça (e na aplicação da lei do “karma”). Ele prefere enfrentar os horrores do “Kâma-Loka” do que ajoelhar-se diante de Jesus Cristo (Fp 2:10.11).

Concluindo, não nos deixemos enganar pelo verniz de intelectualidade e filosofia que envolve o linguajar do teosofista, nem nos curvemos às suas tentativas de depreciar a palavra da cruz, tachando-a de “loucura”. Não precisamos nos submeter à suposta “revelação superior” que eles dizem possuir, à sua alegação de que a Teosofia é uma revelação mais elevada dirigida à nossa época, A Bíblia diz várias vezes que “a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus” (I Co 1:18). A Teosofia nada mais é que outra tentativa de substituir a autoridade de Cristo e das Escrituras pela “filosofia e vãs sutilezas” do mundo (Cl 2:8).

ISLAMISMO

O Islamismo é uma das principais religiões do mundo, e não uma seita, sendo bastante diferente do Cristianismo. Entretanto, como o Ocidente experimentou uma imprevista invasão da crença muçumana, achamos por bem oferecer algumas orientações aos crentes para que se sintam aptos a falar de sua fé aos muçulmanos. Infelizmente, a maioria dos cristãos tem pouco conhecimento do Islamismo e receia testemunhar de Cristo para seus adeptos.

“Não há Deus senão Alá, e Maomé é seu Profeta”. Esta é a *Shahada*, a “confissão” que os fiéis muçulmanos do mundo inteiro repetem diariamente. E essa declaração de fé realmente os distingue de todas as outras religiões do mundo, inclusive do Cristianismo e Judaísmo. Há no mundo entre 600 e 800 milhões de indivíduos que afirmam que Alá é seu Deus e Maomé seu profeta. O Islamismo é uma das qua-

tro principais religiões da terra, ao lado do Cristianismo, Judaísmo e Hinduísmo. Nesta breve análise da crença, iremos definir seus termos mais importantes, mencionaremos suas seitas mais proeminentes e daremos um resumo de seu ensino básico, contrastando-o com o Cristianismo bíblico. Apresentaremos ainda alguns conselhos práticos sobre a melhor forma de se falar do evangelho a um muçulmano.

História e doutrinas do Islamismo

Islamismo é o nome da religião que surgiu a partir das revelações e ensinamentos de Maomé. O vocábulo Islã em árabe significa “submissão”. Muçulmano é o nome que se dá ao adepto do Islamismo. O termo é cognato de Islã em árabe e significa “aquele que se submete”. Muçulmano é o indivíduo que se submete à vontade de Alá, revelada através de Maomé. Alá é o termo islâmico que significa Deus, e seria difícil a tradução para a nossa língua. Certo escritor muçulmano definiu-o da seguinte maneira: “Essa palavra designa um Deus singular, que possui todos os atributos da perfeição e beleza elevados ao infinito. Nós, muçulmanos, achamos que o termo “Deus” não comunica com exatidão todo o sentido do nome “Alá”. Maomé é o nome popular de um árabe que nasceu na cidade de Meca em 570 a.C. (e morreu por volta de 632 a.C.). Ele afirmava ser profeta e dizia que iria restaurar a verdadeira religião de Alá e a adoração a ele em todo o mundo, assim como Jesus Cristo fora profeta em sua época, para o seu povo. Maomé significa “o louvado”.

Alcorão é um termo árabe que significa “recitação” e designa o conjunto de revelações que Alá teria supostamente dado a Maomé através do seu arcanjo, sendo portanto o livro sagrado do Islamismo. Os muçulmanos crêem na lei de Moisés, nos Salmos de Davi e no Injil ou evangelho de Jesus Cristo. Contudo crêem que esses textos sagrados foram revogados e substituídos pelas escrituras que vieram através de Maomé, e que a Bíblia dos cristãos e judeus não passa de uma versão distorcida dessas escrituras. Em todos os pontos em que a Bíblia diverge do Islamismo, eles afirmam que a Bíblia está incorreta. O termo *surá designa as divisões do* Alcorão, e corresponde aproximadamente ao que nós chamamos de “capítulos”. O Alcorão contém cento e quatorze revelações, cada uma constituindo uma *surá* ou capítulo. Eles aparecem em ordem de extensão: as mais breves primeiro, as mais longas por último. O livro não é estruturado em ordem cronológica.

Outro texto importante na literatura islâmica é o *Hadith*, que em árabe significa “coletânea de tradições”. São costumes que dão origem à intrincada estrutura política e social do Islamismo. O termo *califa* em árabe significa líder e designa os principais dirigentes dessa fé, principalmente os sucessores imediatos de Maomé. O nome *aiatolá designa um mestre ou líder espiritual do Islamismo*.

Noventa por cento dos muçulmanos do Oriente Médio são sunitas. Eles reco-

nehcem apenas os quatro califas que sucederam diretamente a Maomé, e só eles. Praticam uma forma de Islamismo de interpretação moderada. O segundo maior grupo é o da seita Xiita. Eles interpretam e aplicam os textos do Alcorão de forma bem literal, mostrando-se mais ativos e fanáticos que os primeiros. Noventa e três por cento dos muçulmanos do Irã pertencem a essa seita, tendo sido liderados pelo mais poderoso aiatolá xiita, Khoumeini.

Outra seita que precisa ser mencionada é a Andian, fundada no século XIX. Apesar de pequeno, é o grupo que, nos últimos 40 anos mais tem produzido material em defesa do Islamismo perante o Cristianismo e o Judaísmo. Acha-se em grande atividade nos campus universitários dos Estados Unidos, onde exerce um forte proselitismo entre os estudantes. Outra seita é a Sufi, o grupo místico do Islamismo. Muitos dos muçulmanos mais conservadores rejeitam esse grupo. Alguns dos escritores sufis parecem trocar o monoteísmo estritamente unitariano do Islamismo tradicional por uma forma de “panteísmo imanente”.

As crenças Islâmicas

À primeira vista, o Islamismo pode parecer quase compatível com o Cristianismo e o Judaísmo. Estamos sempre ouvindo algumas pessoas afirmarem que os muçulmanos crêem no mesmo Deus que os cristãos, ressalvando: “Apenas não aceitam Jesus Cristo”. Entretanto, como veremos, o deus dos muçulmanos não é semelhante ao Deus dos cristãos.

1. Sobre Deus. Para o muçulmano, o único Deus verdadeiro é Alá. A Trindade é um conceito blasfemo; não existe tal coisa. Jesus Cristo é um profeta de Alá. Não é filho de Deus, nem é Deus (Sura 4.171). O pecador não pode aproximar-se do deus muçulmano, tão perfeito e santo que só se comunica com a humanidade através de uma série de anjos e profetas. É um deus que castiga, não um Deus que concede graça; um deus cheio de ira, e não de amor. O grande desejo do muçulmano é submeter-se a ponto de conseguir deter o braço vingador de Alá. Assim, se por um capricho Alá o permitir, ele talvez consiga herdar a vida eterna e viver num paraíso terreno caracterizado por glotonaria e prazer sexual. O conceito que os muçulmanos têm de Deus não é o de um Pai amoroso e compassivo.

2. Sobre Jesus Cristo. Para o muçulmano, Jesus é apenas um dos vários profetas de Alá. Ele foi profeta para o seu povo, em sua época. O profeta Maomé é superior a ele. Jesus não é o Filho de Deus, nem uma Pessoa da Trindade. Ele não expiou os pecados de ninguém, embora fosse um homem sem pecado. Para os muçulmanos, Jesus não morreu na cruz. Dizem as suas tradições que ou ele colocou Judas Eucariotes lá, em seu lugar, ou então Deus o livrou das mãos dos judeus de forma miraculosa, antes de ele ser crucificado. A maioria dos adeptos dessa religião crê que ele foi levado para

o céu corporalmente, sem ter passado pela morte (Sura 4.157)

3. Sobre o pecado e a salvação. Para o Islamismo, eles acham-se associados a dois conceitos: as obras e o destino (*kismet*). *O muçulmano que deseja escapar* ao castigo de Alá tem de realizar as obras dos “Cinco Pilares da Fé” (Surá 10.109). São eles: (1) recitar o *Shahada* (“Não há Deus senão Alá e Maomé é seu Profeta”); (2) recitar diariamente as cinco orações prescritas, em árabe (*Salat ou Namaz*) para a qual tem de ajoelhar-se e prostrar-se na direção de Meca, a cidade santa do Islamismo; (3) dar esmolas (*Zakat*), o que é bem diferente do dízimo, pois o muçulmano tem de gastar apenas a quadragésima parte de sua renda em contribuições de caridade; (4) jejuar (*Satum ou Ruzehk*) durante todo o mês de ramada, período em que o fiel deve abster-se de alimentos sólidos e líquidos desde o nascer do sol até o pôr-do-sol, para assim expiar os pecados cometidos no ano anterior; (5) fazer uma peregrinação (*Hajj*) à Meca, a cidade santa, pelo menos uma vez durante a vida.

Antigamente a “guerra santa” (*Jihad*) era uma das condições impostas pela fé. Os primeiros muçulmanos criam ser obrigação sagrada matar todos aqueles que não abraçassem a fé verdadeira. Atualmente o Islamismo é mais moderado, embora ainda existam alguns xiitas que querem que a *Jihad* volte a ser exigência básica da fé islâmica.

Finalizando, precisamos amar o muçulmano. Esse povo tem um forte zelo por “Deus” e um grande desejo de segui-lo e adorá-lo durante toda a vida. Precisamos respeitar sua sinceridade e comunicar-lhe o evangelho transformador de Jesus Cristo. Se o crente demonstrar o poder da Palavra de Deus por intermédio do Espírito Santo, e seu viver for uma constante demonstração da paz e gozo que têm aqueles que amam a Jesus Cristo, constituirá para o muçulmano uma prova de que ele também pode conhecer e adorar o verdadeiro Deus, e não os distorcidos conceitos ensinados por Maomé.

EXERCÍCIO 4

1. ____ Do espiritismo Comum fazem parte: a quiromancia, a cartomancia e a astrologia.
2. ____ O Espiritismo reivindica ser a verdadeira religião, superior a todas as outras.
3. ____ Allan Kardec afirma que “o Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa”.
4. ____ Os orixás são divindades que atuam entre o deus supremo e os homens.
5. ____ Na umbanda ensina-se a reencarnação.
6. ____ O orixá abandona a pessoa quando está próxima da morte.
7. ____ A Teosofia revela grande admiração pelo Gnosticismo.
8. ____ Pela doutrina teosófica, existem no universo sete planos distintos.

BIBLIOGRAFIA

- 📖 O Império das Seitas. Walter Martin. Vol. I, II, III, IV. Editora Betânia.
- 📖 EETAD. Heresiologia.
- 📖 Dicionário Aurélio.

GABARITO DOS EXERCÍCIOS

	lição 1	lição 2	lição 3	lição 4
1	C	C	C	C
2	C	C	C	C
3	C	C	C	C
4	C	C	C	C
5	C	C	C	C
6	C	C	C	C
7	C	C	C	C
8	C	C	C	C

**Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático